



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

Lennon Teixeira Motta

**LOUCURA E DESRAZÃO NO CONTO “O DIA EM QUE A NOSSA VIZINHA
ENLOUQUECEU”, DE VÍCTOR GIUDICE**

Florianópolis, 2018.

Lennon Teixeira Motta

**LOUCURA E DESRAZÃO NO CONTO “O DIA EM QUE A NOSSA VIZINHA
ENLOUQUECEU”, DE VICTOR GIUDICE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Departamento de Língua e Literatura
Vernáculas da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de Bacharel
em Letras Português.

Orientador: Profa. Dra. Tereza Virginia de
Almeida

Florianópolis, 2018.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Motta, Lennon

Loucura e Desrazão no conto "O dia em que a nossa vizinha enlouqueceu", de Victor Giudice / Lennon Motta ; orientador, Tereza Virginia de Almeida, 2018.
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. loucura. 3. desrazão. 4. os
banheiros. 5. literatura. I. Virginia de Almeida, Tereza .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Letras Português. III. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Silvia Marani dos Santos Teixeira, pela incansável força de luta que proporcionou todo o necessário para que eu pudesse viver neste mundo, pelo apoio e por me ensinar o significado de amar incondicionalmente.

Ao meu namorado, Fernando Sardá de Martin, pelo carinho que me devotou desde o primeiro dia e pela determinação para ficar ao meu lado nos momentos mais difíceis, jamais terei palavras suficientes para agradecer.

As minhas amigas, Ellen Berezoschi e Luísa Menin, pelas horas de conversa e estímulo que recebi ao longo desses 9 anos de curso. Sem elas seria impossível.

Aos amigos, Mateus Fuhr e Matheus Laste, por terem sido pacientes com minhas ininterruptas mensagens descrevendo o andamento atual do meu trabalho e pelo constante apoio.

À minha orientadora, Tereza Virginia de Almeida, por ser a luz no caminho escuro que trilhei em meu curso.

RESUMO

Neste trabalho analiso a forma como os conceitos de *loucura* e *desrazão* se articulam no conto *O Dia em que a nossa vizinha enlouqueceu* de Victor Giudice, publicado pela primeira vez em seu segundo livro de contos: *Os Banheiros* (1979). Para desenvolver os conceitos de *loucura* e *desrazão*, sigo a teoria dos filósofos Michel Foucault e Peter Pál Pelbart. Além disso, busco enriquecer a análise com ideias de autores como Roberto DaMatta e Silvano Santiago.

Palavras-chave: loucura; desrazão; *Os Banheiros*.

ABSTRACT

In this paper, I analyze how the concepts of *madness* and *unreason* articulate themselves in the short story *O Dia em que nossa vizinha enlouqueceu* written by Victor Giudice, first published on his second book: *Os Banheiros* (1979). To develop the concepts of *madness* and *unreason*, I follow the theories from philosophers Michel Foucault and Peter Pál Pelbart. In advance, I highlight my analysis with ideas from authors such as Roberto DaMatta and Silvano Santiago.

Keywords: madness; unreason; *Os Banheiros*.

SUMÁRIO

Introdução <i>ou: A Sala</i>	7
Capítulo I <i>ou: O Quarto</i>	21
Capítulo II <i>ou: A Cozinha</i>	33
Capítulo III <i>ou: O Corredor</i>	42
Capítulo IV <i>ou: Os Banheiros</i>	51
Conclusão <i>ou: A não-sala ou ainda: Fora da Casinha</i>	65

Introdução

Ou:

A Sala.

Escrevo em tempos escuros. Não posso dizer que as coisas andam tão bem. Escrevo no começo de um período de congelamento dos investimentos na educação brasileira (UOL NOTÍCIAS, 2016), algo que refletirá imensamente na forma como exercitamos o pensamento em nossa sociedade. Sinto que estamos todos nadando contra a corrente. A última notícia que li contava sobre o corpo de uma mulher que foi encontrado na praia paradisíaca do Matadeiro (nome que exibe a força poética da realidade), aqui mesmo em Florianópolis, na cidade onde moro. Um corpo em uma sacola preta. No desfecho da notícia declaram que “A Polícia Civil já começou as investigações, mas ainda não há suspeitas sobre o que pode ter acontecido” (DUCAMPECHE, 2017). Em novembro de 2017, uma mulher some e, depois, seu corpo é encontrado em uma sacola preta jogado no mato. A polícia não suspeita o que pode ter acontecido. A construção deste trabalho foi fortemente influenciada por questões como essa falta de suspeita.

Isso que contei é algo concomitante ao momento da escrita deste trabalho, mas o objeto que me dediquei a analisar aqui vem de um texto literário chamado *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*¹, do escritor carioca Victor Giudice. Tento conectar as ideias que nasceram durante a leitura desse conto em uma viagem que vai de encontro direto a momentos da minha trajetória universitária, retornando a estas páginas nesta instância acadêmica. Sendo assim, como pano de fundo das discussões que proponho, utilizei textos que contêm teorias que me ajudam a explicar que esse movimento do texto de Giudice à minha vida e da minha vida ao texto de Giudice não é apenas para contar uma história, mas para explicar como fui capaz de formular a leitura que faço aqui.

Minha intenção com isso é mostrar que por mais que leiamos e nos dediquemos imensamente ao mundo do conhecimento acadêmico, existem outras formas de aprender, através do toque, através da sensibilidade, e principalmente no que diz respeito à disciplina de literatura, através do entrelaçamento entre a teoria e a vida. É na ideia desse toque entre a teoria e a sensibilidade que quero ler esse conto.

Com tudo isso em mente, a primeira coisa que quero fazer é me apropriar de uma alegoria que marcou minha sensibilidade durante o período de leitura para a construção deste trabalho. Roberto

¹ Sim. Escolhi grafar *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, assim com as palavras Dia, Vizinha e Enlouqueceu em maiúsculo não só porque essa é a forma como o autor apresenta o conto na edição de original, de *Os Banheiros* (1979), mas também porque acredito que essa grafia tenha função de brincar com os sentidos do texto, questão que explicarei na página 14 deste trabalho.

DaMatta, em *A Casa e a rua* (1997a), faz uma comparação onde o livro é como uma casa e, como um bom anfitrião, o autor convida os leitores para que aproveitem o livro como uma visita. Assim, os leitores-visitantes entram na introdução do livro como em uma grande sala onde conhecem o anfitrião que os recebe para uma conversa. Logo em seguida, se revelam os cômodos, a sala, o quarto, a cozinha etc.

Como esse trabalho de DaMatta também será pano de fundo para algumas das discussões que tratarei aqui, me senti livre para me apropriar da alegoria no sentido de que este trabalho também será uma casa. Aqui, estamos na porta de entrada, uma porta um pouco estranha, automática e imensa, com uma grande faixa amarela e preta cheia de coisas escritas, após entrar, de frente para nós, uma mesa com detalhes em vidro, onde atrás pode-se ver um quadro branco com uma série de informações escritas em azul. Peço que por agora não nos detenhamos nos detalhes. No próximo parágrafo, entraremos na sala, em seguida te mostro o quarto, tomamos um café na cozinha se conseguirmos fazer a cafeteira funcionar, o corredor e Os Banheiros. Os capítulos, ou cômodos, foram construídos pela reflexão que o texto de Giudice me proporcionou e se dedicam a mostrar como elaborei a minha leitura.

Tento deixar claro que o que quero mostrar é como li o conto de Giudice e de que forma o que li gerou sentido sob a minha perspectiva, pois foi um pedido de minha orientadora que este seja um trabalho de um aluno de graduação que se coloque nas páginas e mostre como um leitor contemporâneo lê o arquivo, ou seja, como aos meus olhos formulei aquela leitura. Espero que ao fim do texto ela não se arrependa desse pedido.

Na sala de estar, que é esta introdução, quero te convidar para nossa primeira pausa, pois na mesa de centro está uma versão impressa do conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*. Como sei que você que lê este trabalho gosta de Victor Giudice, imagino que você agora se pergunte como esse conto foi parar lá e como ele veio parar aqui como objeto de pesquisa.

A história começa no primeiro semestre de 2016, na disciplina de Estudos Literários II – Literatura, Política e Ideologia com a professora Tereza Virginia de Almeida, na instituição que acolhe este trabalho. Ao apresentar a proposta da disciplina no plano de ensino constava o seguinte:

Pretendo seguir o percurso desenhado por um específico escritor brasileiro e, a partir daí, relacioná-lo com o panorama cultural de sua época: Victor Giudice (1934-1997). Sim. Trata-se de um estudo de caso que irá permitir aos alunos o acesso a uma obra e uma fortuna crítica ainda pouco acessada e a reflexões que permitirão a construção do passado cultural brasileiro recente em um contexto fortemente marcado pelos anos ditatoriais.

A partícula afirmativa ali, o “Sim” é quase uma antecipação ao primeiro movimento de um leitor menos interessado, um ato de força, mas também de carinho. O “Sim.” (acompanhado do ponto final resolutivo) é um gesto de carinho no sentido de mostrar a importância de um escritor que dedicou

tanto às suas páginas de qualidade irrefutável, mas que talvez não tenha recebido o reconhecimento merecido. Atitudes como essa partícula afirmativa em um plano de ensino são a possibilidade de sobrevivência de muitos textos. Foi por causa desse “Sim” que me senti obrigado a olhar novamente para a questão, pois, a princípio, eu não estava no grupo dos leitores mais interessados.

O primeiro traço do texto de Giudice na minha sensibilidade foi esse: não entendi. Não fazia muito sentido, os contos me pareciam brincadeiras com a linguagem. *Necrológio*, primeiro livro de contos de Victor Giudice, lançado em 1972 e aclamado pela crítica literária da época, provocou na minha primeira leitura apenas um rasgo, um vazio. Lembro especialmente de *Oz Gueijos*, com seus neologismos, espaços em branco, interrupção nos parágrafos, brincadeiras com a ortografia das palavras, tudo aquilo me afastava. Talvez eu não fosse aquele leitor ideal que alguém como Nelly Novaes Coelho indicava necessário como veremos a seguir.

É evidente que, aquela que proferiu o “Sim” resolutivo não abandonaria os leitores mais desatentos na primeira dificuldade, e os textos teóricos aos poucos me ajudaram a me sentir mais confortável dentro daquele universo literário que me parecia tão áspero. O primeiro texto teórico com o qual entramos em contato na disciplina foi o de Nelly Novaes Coelho mencionado acima. A autora lê *Necrológio* em seu caráter transgressor e avesso ao realismo. No texto, a escrita de Giudice é comparada com a de grandes escritores como Kafka, e Nelly Novaes ressalta a capacidade de banalizar o absurdo e fantasiar sobre o cotidiano presentes naquele primeiro livro de contos. Ela atenta também para como a construção que Giudice faz com a linguagem em *Necrológio* é erudita e racionalizada, apresentando uma série de experimentalismos que poderiam ser o motivo pelo qual a obra não recebeu toda a atenção que deveria.

Necrológio está entre as escrituras transgressoras que testemunham este nosso tempo em mutação e que, pela ambiguidade das experiências testemunhadas, precisa da cooperação de um “leitor atento” que possa decifrá-las em sua significação maior. Para o “leitor distraído”, talvez essa escritura não diga nada. (COELHO, 2013, p. 932)

Foi esse primeiro texto que me moveu a continuar lendo o autor, e com certeza daí que floresceu meu interesse. Kafka sempre me cativou, o realismo ao avesso me encanta, pois sou avesso ao realismo. Entre outras coisas, passei a ler o texto com novos olhos naquele momento e assim segui meu curso.

A leitura de *Os Banheiros* (1979), livro que contém este conto impresso aqui na mesa de centro, só se deu mais tarde. É bem verdade que no período da disciplina que mencionei essa era uma leitura obrigatória. Porém, apenas fingi que li e simulei opiniões generalizadas sobre literatura como forma de escapar da necessidade de expressar uma opinião legítima. Dou-me ao luxo de relatar isso aqui não para mostrar que a vida é uma piada, não para que se faça graça da instituição, mas como

atendo ao pedido de mostrar o aluno de graduação que está aqui lendo o arquivo, esta é a história que posso contar. Na época, eu trabalhava como revisor de texto durante todo o período da manhã no Laboratório de Transportes e Logística aqui na UFSC e cursava outras quatro disciplinas. O tempo para leitura era mínimo e a possibilidade de dar a atenção necessária a todas as demandas era simplesmente irreal.

Independentemente de qualquer coisa, aquela disciplina me marcou, escrevi o trabalho final como uma resenha do romance de Giudice, *Bolero* (1985), que na época foi o texto que li com mais cuidado, dada a demanda acadêmica. Nesse romance de Giudice o que me encantou foi a criatividade explosiva do autor e as imagens que ele podia criar com aparente facilidade, desde os sete anos na maternidade esperando por Cynthia nas primeiras páginas do livro, até as esferas de luz que o pierrô branco materializava com seu pensamento.

Um ano depois, em busca de um objeto de pesquisa para este trabalho conversei com a professora Tereza Virginia, que sugeriu utilizar um conto como objeto de estudo. Sendo assim, fui reler os contos de Giudice em *Necrológio* e, para cumprir o déficit de leitura de um ano atrás, li *Os Banheiros*.

Foi nesse momento que, decidido a pesquisar a obra de Victor Giudice e em busca de um objeto, posso dizer que um objeto me encontrou. Desde a primeira leitura o conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* (GIUDICE, 1979) foi o mais interessante para mim. Não sei se pelo carnaval, pela loucura, pelo estilo livre da escrita ali, que me parecia muito mais casual e simples do que aquela que eu via em *Necrológio*. Só sei que o conto de Giudice me trouxe a certeza de que queria pesquisá-lo, dissecá-lo, mesmo sem saber o que iria encontrar, pois a princípio me parecia um texto simples onde nada se escondia.

Como passamos todo este tempo encarando um conto impresso na mesa de centro aqui desta sala, e como essa é a história que quero debater aqui, me sinto obrigado a falar um pouco mais sobre ele para mostrar os trechos que se encontram rabiscados.

Em suma, o conto apresenta dois irmãos, um literato que preferia passar suas noites em casa lendo a perder seu tempo em uma festa de carnaval, e outro, mais jovem, figura que narra o texto e reclama das constantes repressões que sofre por parte de seu irmão mais velho. O personagem-narrador se prepara para ir ao Baile dos Letrados e sai sorrateiramente pela porta, enquanto seu irmão está concentrado em sua leitura. Ao sair do apartamento para descer o elevador, o personagem-narrador, vestido de poeta romano, encontra com a sua vizinha no corredor. O rapaz tem a sensação de que a vizinha oferecia-lhe um beijo e, por sua vez, tenta beijá-la, colocando a mão dentro de seu vestido. Nesse momento a mulher solta um berro e, de acordo com o personagem-narrador, esse é o momento em que a mulher enlouquece. O irmão mais velho ouve o berro de dentro do apartamento e

sai em busca de entender o que aconteceu. Ao ver o rapaz mais velho, a vizinha se abraça nele, buscando por ajuda. O personagem-narrador é agarrado pelo pulso para retornar ao apartamento com seu irmão, porém ele diz que não é correto deixar a vizinha enlouquecida ali, e os dois irmãos decidem buscar um local que a tratasse.

Primeiro buscam um médico no andar de cima do prédio. Ao saberem que ele estava viajando, partem para a rua em pleno domingo de Carnaval em busca de uma instituição para acolher a mulher louca. Após passarem por uma série de locais, como o Hospital e a Delegacia, os personagens chegam a uma instituição de saúde para internar a vizinha. Entretanto, o personagem-narrador se sente mal pela violência dos homens que tentavam conduzir a mulher ao internato, momento em que ela conta sua história pela primeira vez, fazendo com que o personagem-narrador percebesse certa lucidez em sua vizinha.

É aí que se dá a virada na narrativa que nos mostra a brincadeira que Giudice já arquitetava desde o começo. O personagem narrador, tentando convencer a mulher a ser internada, lhe diz que será por apenas alguns dias e que logo retornará para busca-la, e ela responde com naturalidade: por que você não fica no meu lugar?

No parágrafo conclusivo do texto, percebemos que se tratava de uma história narrada por um sujeito que estava naquela instituição há 28 carnavais:

Na verdade não posso me queixar do tratamento que tenho recebido aqui na Casa de Saúde da Santa Providência, embora meu irmão venha com recriminações e com a mesma notícia de sempre, de que a vizinha ainda não concordou em ficar comigo. Não tenho muitas esperanças, pois já se passaram vinte e oito Bailes dos Letrados. Mas enquanto for necessário, mantereí o sacrifício. Minha palavra está em jogo e, afinal, é uma lição. Na vida, cada objetivo tem um caminho particular. Não adianta querer mudar de direção, como eu fui fazer logo no dia em que a nossa vizinha enlouqueceu. (GIUDICE, 1985, p. 128.)

Uma série de reflexões nasceram da leitura desse texto. A loucura, o embate entre os irmãos e as instituições enquanto tentavam encontrar um lugar para tratar a vizinha, o carnaval e o espaço da rua como âmbitos de análise. Mas para tracejar com mais certeza minha análise, foi necessário reler o texto mais algumas vezes. Até que, em dado momento, encontrei o que se escondia em dois parágrafos específicos. Lá estava o diabo que eu procurava nos detalhes.

Primeiro o parágrafo onde o jovem vestido de poeta encontra a vizinha que enlouquece:

Nunca descobri seu nome. Sei que era solteira, bonita e devia andar pela casa dos trinta. Pena que fosse enlouquecer no momento exato em que eu ia sair para o Baile dos Letrados daquele último domingo, fantasiado de poeta romano, com coroa de louros e lira prateada. Fechei a porta com cuidado para não assustar meu irmão, mergulhado numa leitura, mas não deu certo. Nossa vizinha estava ao lado do elevador, ostentando um vestido negro aberto até a metade da coxa, olhando-me com uma expressão situada entre o deboche e a obscenidade. Os lábios juntos e levemente projetados se ofereciam a um beijo que só eu podia dar. Aproximei-me e beijei-a. O espírito da folia me encorajava e minha mão direita se intrometeu pela abertura do vestido para acariciar-lhe a perna. Foi aí que ela enlouqueceu. (GIUDICE, 1985, p. 122).

A leitura desse trecho isolado não havia indicado diretamente o caminho que pretendo trilhar, mas já havia despertado certa desconfiança. Continuando pelo texto, após os irmãos levarem a vizinha enlouquecida à delegacia em busca de ajuda para lidar com a situação da mulher, os irmãos ouvem uma história do delegado, que “Descreveu episódios esdrúxulos de loucos que não eram loucos e são que não eram são. Citou exemplos familiares, ressaltando o caso comovente de uma tia solteirona que enlouqueceu na noite de núpcias, um minuto antes de consumir o matrimônio.” (GIUDICE, 1985, p. 125.). Foi da primeira pergunta que me fiz e desses dois trechos que mostrei que surgiu o tema que atravessa todo este trabalho e estofa as paredes alegóricas desta casa em que estamos situados.

Primeiro a pergunta que me fiz quando me deparei com um texto aparentemente simples foi: qual questão eu posso centralizar nesse texto? Escolhi, pela recorrente representação do tema, desde o título, a Loucura. As leituras e trabalhos acadêmicos que correlacionam Literatura e Loucura são inúmeros, e como estudante de Letras, o assunto já havia perpassado meu imaginário, e foi ali com a forma como aquela questão foi representada no conto de Giudice, que vi a possibilidade de montar uma reflexão que tornasse aquele texto algo aberto, onde as ideias nascessem e se pusessem a circular.

Uma vez li em um trabalho acadêmico em que o orientador dizia ao aluno que sempre que ele tivesse alguma dúvida sobre o texto literário, que ele lesse novamente o texto literário, pois o texto já continha toda a teoria necessária. Sendo assim, a segunda pergunta que me fiz foi, de que forma esse texto constitui este tema que quero analisar?

Para responder essa pergunta, retornei aos parágrafos que destaquei acima e notei alguns traços importantes para iniciar minha discussão. Percebi que o momento em que se enunciava o enlouquecimento das duas mulheres representadas no conto se deu no momento de resistência a um assédio. Primeiramente, a vizinha que enlouquece, coincidentemente, no momento em que o rapaz invade a abertura de seu vestido sem autorização para acariciar-lhe a perna. É esse momento que marcou aos olhos do personagem-narrador a loucura da vizinha. Em seguida, a tia solteirona, que na noite de núpcias enlouqueceu, fortuitamente um minuto antes de consumir seu casamento.

Ou seja, os primeiros traços que posso perceber da loucura no conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* são os traços de uma enunciação da loucura que tem momento e motivações específicas para acontecerem. Aí, nesse ponto, percebi como meu imaginário me levava a encontrar a loucura como algo com definições positivas e delimitadas. Com esse conto, isso caía por terra, e eu me via novamente em um terreno fértil para a reflexão.

O texto de Giudice proporciona que remontemos uma sensibilidade em relação à loucura, que é expressa através de diferentes figuras e experiências. Não tenho a intenção de montar um tratado sobre a loucura, nem apresenta-la como algo positivo ou negativo. Não há aqui uma resposta para o

problema do enlouquecer, mas busco expor as particularidades de dadas experiências da loucura através de figuras do conto aqui analisado.

Com minha leitura, quero mostrar de que forma a loucura é algo de significação socialmente determinada, e que em dados momentos existe uma questão de poder envolvida, onde determinadas pessoas utilizam de seus discursos para desqualificar outras, atribuindo-lhes o estatuto da loucura. Além disso, a experiência da loucura em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* pode ser percebida em diversos pontos, pois o próprio personagem-narrador revela que a escrita da história se dava no internato, um dos traços mais comumente associados a ideia de loucura, mesmo jamais tendo descrito a si mesmo como louco, montando uma narrativa que indicava de forma certa uma outra loucura, a da vizinha. Isso não é um diagnóstico de que este ou aquele personagem sejam loucos, mas sim uma forma de mostrar como o conto brinca com o significado da loucura não coloca um centro nessa experiência, mas sim uma multiplicidade de traços.

Sabíamos desde os primeiros parágrafos que o personagem-narrador vive em liberdade restrita, que seu irmão tem vergonha de andar com ele em público, entre outros traços que indicam que cuidados especiais são oferecidos a esse rapaz.

Naquele parágrafo destacado lá em cima, um homem que se sentia no direito de invadir a privacidade de uma mulher com a mão por dentro de sua saia conta que ela enlouqueceu naquele mesmo momento, ou seja, no mesmo momento em que essa mulher reage a uma invasão contra seu corpo, ela é retirada do campo da Razão e colocada sob a égide da Loucura. O mesmo com a tia solteirona que o texto expõe. Ela resiste ao sexo na noite de núpcias e é categorizada como louca no mesmo momento. Ou seja, o marido teve a liberdade de decidir sobre sua mulher, dizendo que ela não tem o direito de recusar o sexo na noite de núpcias, exibindo as marcas de um determinado poder que ele exerce através de uma visão do corpo da mulher como objeto, como propriedade.

O desfecho do conto é um convite imediato à releitura se pensarmos na ótica da loucura, pois ao descobrir que o ato de escrita se dava por um sujeito internado, automaticamente nos parece necessário rever aquela história sob a lógica de um louco, buscando os traços de uma razão que nunca será encontrada para justificar os atos do narrador. É necessário remontar o texto através da ótica desse encarceramento para compreender essa nuance da experiência da loucura no conto de Giudice de forma a problematizar a conexão entre internato e loucura.

Nas primeiras leituras recomendadas para este trabalho foi que percebi algo fundamental para pensar nas diferentes intenções desse personagem-narrador que escrevia de dentro de seu cárcere. Em *Retórica da Verossimilhança*, artigo presente no livro *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural* (1978), Silviano Santiago mostra a necessidade de uma mudança da perspectiva sob a qual a obra de Machado de Assis é lida. No caso de *Dom Casmurro*, o autor afirma que é um

erro da crítica polemizar sobre a questão da traição presente no romance, quando o foco da escrita é a pessoa moral do narrador. Em *Dom Casmurro*, um homem de meia idade conta sua história sob sua própria visão, com sua perspectiva dos fatos, e essa é a perspectiva de um homem ciumento que acredita ter sido traído, independentemente da existência de uma traição ou não.

Com o texto de Silviano Santiago, percebi que também o personagem-narrador do conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* narrava os fatos através de sua ótica, tentando de certa maneira nos convencer incansavelmente da razoabilidade de seus atos, indicando que sua intenção era apenas proteger a vizinha de sua própria loucura. A louca era ela e ele não padecia desse mal, ou seja, tanto no caso de *Dom Casmurro*, quanto no caso do conto de Giudice, lemos o texto de um homem que tem certeza da história que quer contar. Quero dizer com isso que a loucura da vizinha também é determinada pela ótica de um narrador e é para essa ótica que atento com esta análise.

Um pouco dessas reflexões com base no texto de Retórica da Verossimilhança para a ótica dos eventos narrados e uma tentativa de remontar um pouco da experiência da loucura representada no texto figurada nesse narrador é o que se esconde no Quarto desta casa, que te convidarei a adentrar depois de terminarmos esta conversa de boas-vindas aqui na sala. Também me deterei nas relações entre loucura e encarceramento de acordo com algumas ideias propostas por Michel Foucault, construindo assim esse Quarto, ou capítulo.

Sei que passamos muito tempo aqui na sala olhando um conto e que talvez você já esteja se perguntando sobre os outros cômodos da casa, ou até mesmo se esta alegoria da casa - texto se sustenta de verdade, se ela está funcionando. Te digo o que aprendi com a orientadora. Sim. Está funcionando. Por isso, mesmo que estejamos na introdução, te convido a olhar para a Cozinha, lá temos uma janela que vê diretamente a rua lá fora.

Podemos ouvir a movimentação das pessoas, a música. Lá fora é Carnaval, e da Cozinha teremos um parâmetro para analisar o aspecto mais lúdico da loucura representado no texto de Giudice. Não pode-se perder de vista que *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* se passa em pleno domingo de Carnaval, sendo esse fator a justificativa para ações e decisões tomadas no texto. Até mesmo o momento em que a vizinha enlouquece, a atitude que o rapaz toma é atribuída ao “espírito da folia” (GIUDICE, 1979: 122) e não a sua própria responsabilidade.

Um dos teóricos que pensou sobre a questão do Carnaval foi Mikhail Bakhtin. Para o autor russo, o carnaval era o conjunto de manifestações da cultura popular, tanto no período medieval quanto no Renascimento, período que se dedicou a analisar em suas publicações, que geravam uma determinada compreensão do mundo através de uma linguagem elaborada e complexa. Quando essa linguagem aparece na literatura, o teórico russo diz que é essa “transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos de carnavalização da literatura” (BAKHTIN, 1981: 105).

Na cozinha, para aquecer os ânimos logo mais nesta visita, já deixarei esquentando a água para tomarmos um café. Assim, aproveito para desenvolver algumas críticas a certas ideias de Carnaval de Roberto DaMatta imaginando um pouco do contexto de *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*.

Como o texto que quero analisar se passa no Carnaval do Rio, busco trazer também as ideias para um contexto brasileiro através do Roberto DaMatta. Em *Carnavais, malandros e heróis* (1997b), o antropólogo coloca questões próprias do carnaval brasileiro ressaltando inclusive o fato de que uma das palavras que mais falamos para descrever a experiência do carnaval é loucura (DAMATTA, 1997b: 118). “Isso foi uma loucura!”, dizem as pessoas sobre suas noites desregradas. Essa ideia da loucura tem a ver com o romper as regras, com o sair dos trilhos, inverter as lógicas tão duras desse mundo em que vivemos. Além disso, outra questão concernente ao Carnaval que o coloca distante da lógica cotidiana é a aparente ausência de leis, que atribui ao Carnaval como esse lugar outro em relação ao mundo da razão, dando espaço inclusive para a formulação da máxima de que no carnaval a lei é não ter lei. (DAMATTA, 1997b: 119).

Sendo assim, fica claro que a ideia de Carnaval é um elemento chave para compreender a questão da experiência da loucura em jogo no texto de Giudice, compondo assim a estrutura da nossa Cozinha, ou, capítulo II.

Agora, peço que detenha o seu olhar no corredor que separa os quartos e Os Banheiros. Até mesmo nas casas observamos que existem espaços entre as coisas. O corredor é um espaço vazio que divide partes de uma casa. Alguns teóricos brasileiros colocaram sua atenção nas coisas que estão *entre*, sendo o caso mais clássico o de Silviano Santiago no *Entre-lugar* do discurso latino-americano (1978). Porém para construir este corredor, ou capítulo, e como já me apropriei da alegoria da casa, utilizo da ideia de “entre” que Roberto DaMatta coloca em *A Casa e a rua* (1997a).

No texto, o autor atenta como muitas vezes visões dualísticas não são suficientes para interpretar o Brasil. Família/Estado, esquerda/direita e outras oposições, não seriam para o autor uma forma de análise de um modo totalizado. Para DaMatta, “no Brasil, mais importante do que os elementos em oposição, é a sua conexão, a sua relação, os elos que conjugam os seus elementos” (1985: 20). Esse “entre” das relações, em *A Casa e a rua* é um elemento de análise fundamental, o autor diz que “Para mim, é básico estudar aquele “&” que liga a casa-grande com a senzala e aquele suposto espaço vazio, terrível e medonho que relaciona dominantes e dominados.” (1997a: 21). E ao me perguntar sobre o “entre” em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, acredito que a chave está no Olhar. É através de um jogo de olhares que o rapaz do conto caracteriza a loucura da vizinha. Já no início do conto o rapaz fala sobre as restrições que seu irmão mais velho lhe impunha:

Eu já estava me acostumando. Meu irmão era quinze anos mais velho e como vivíamos juntos, ele se achava no direito de me dar ordens e, sobretudo, de proibir coisas. Não me deixava fumar ou beber, estipulava a hora que eu devia voltar para casa, escolhia minhas amizades e por último não queria que eu olhasse para nossa vizinha, quando na verdade, ela é que olhava para mim. (GIUDICE, 1985, p. 122).

Além de revelar que a figura do personagem-narrador já vivia em uma situação de vida controlada por seu irmão, nesse parágrafo vemos já de princípio que o jogo do olhar abre as relações do conto, entre a vizinha e o narrador que, em seguida, conta que a mulher olhava ele “com uma expressão situada entre o deboche e a obscenidade (p. 122), e continua por vezes a mencionar que a “A vizinha balançava os ombros e dirigia o mesmo olhar obsceno que eu já experimentara no elevador.” (p. 124), e que “A vizinha caminhou até onde eu me encontrava, dirigiu-me o mesmo olhar obsceno e me implorou que não deixasse que a prendessem lá” (p. 127).

Além das referências destacadas no texto literário de Giudice, não é difícil propor uma reflexão mais extensa sobre a questão do Olhar. Um exemplo é o texto de Santiago a que me referi como forma de focar a leitura na perspectiva daquele que conta a história como um primeiro movimento. Mais adiante da questão que comentei sobre a centralização da leitura de *Dom Casmurro* na figura moral do narrador, em *Retórica da Verossimilhança*, Silviano Santiago menciona a figura de José Dias, que era uma espécie de conselheiro e morava com a família de Bentinho. Em uma das primeiras vezes que se encontrou com a personagem Capitu, o homem disse que ela apresentava “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Com o desenvolver da história, o homem tenta se redimir por sua declaração anterior dizendo: “confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos, [...]”.

Parece que aqui a atenção deve ser dada ao que está entre, pois como veremos na nossa conversa no Corredor, a voz e o olhar também são objetos de desejo e meios por onde se manifesta o Poder, conceito corrente na obra de Michel Foucault (2000b), filósofo ao qual retornarei para elaborar mais esta ideia. O olhar, mais especificamente, une sujeito e objeto e os relativiza. Por fim, o olhar me parece ser a partícula entre o sujeito que enuncia a loucura da vizinha e ela que é enunciada como louca, questão que serve de estofa para as paredes do Corredor.

Como a casa é pequena você já pode imaginar que restam apenas Os Banheiros de que tanto falo. Já aviso que é a maior parte da casa e que é a parte em que a casa deixa de ser uma casa. Não tenho uma boa imagem destes banheiros. Nesta casa alegórica, a questão da casa se complica porque não é comum ver uma casa com mais de um banheiro e essa é a área crítica, está lá o que varremos para debaixo do tapete, paredes riscadas, cheias de nomes e é contra isso que escrevo. No último capítulo, Os Banheiros, será hora de discutir aquela que no texto é dita louca. A Vizinha, com V maiúsculo como o próprio Giudice fez questão de assinalar no título do conto. Na literatura quando

utilizamos a letra maiúscula na palavra, nos referimos à ideia, ao conceito dessa palavra, por exemplo, literatura pode ser uma literatura qualquer e específica, mas Literatura é a ideia de literatura, o conceito. É essa força que opera no título de Giudice, *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, que usa as letras maiúsculas quase como aspas para mostrar a genericidade, ou seja, apontar para o fato de que não é um dado específico que acontece em apenas um momento recortado do tempo, com uma única Vizinha, uma única mulher que é conduzida após Enlouquecer para uma instituição de internamento em um Dia específico, mas sim um indicativo de uma Vizinha possível – ou Vizinha qualquer – tanto da figura da vizinha quanto do enlouquecimento. Essa figura que poderia ser você que me lê.

Como o conto se passa no carnaval, não podemos deixar de pensar na especificidade dessa situação até mesmo aqui. O carnaval é para Roberto DaMatta (1997b), uma ocasião onde a sociedade brasileira se posiciona temporariamente de cabeça pra baixo. Enquanto no resto do ano a mulher deve se portar como a Virgem-Maria, bela, recatada e do lar, no período do carnaval é exaltada a figura da puta, os corpos nus, a sexualidade. Em sua obra *Carnavais, malandros e heróis* (1997b), DaMatta lembrava o personagem de *O País do Carnaval* de Jorge Amado que dizia que só havia se sentido brasileiro duas vezes: “uma no carnaval quando sambou na rua. Outra quando surrou Julie, que havia lhe traído”. O autor aproveita esse exemplo para mostrar como é clara a dicotomia Casa e Rua que já vinha propondo, e como essas questões são fundamentalmente intrincadas em nosso povo. Aqui é um bom espaço para levantarmos uma questão sobre a visão do corpo da mulher como sujeito ao exercício do poder masculino e como isso opera na instância do Carnaval.

Uma última discussão para a qual quero trazer atenção aqui nesta sala, ou introdução, é a seguinte: parece-me que o carnaval se apresenta como um espaço propício para uma reflexão da loucura por seu caráter de exceção que afetava diretamente o funcionamento das instituições representadas no conto, sendo estas instituições as detentoras únicas do saber sobre a loucura e sendo a internação a única resposta que parecia correta para os irmãos.

Nas ciências humanas uma série de estudos sobre a loucura foram desenvolvidos. Foucault, o notório filósofo francês, em 1961 publicou seu livro *História da loucura na idade clássica*. Nesse livro, Foucault fala sobre a Grande Internação, momento do século XVII onde todos os loucos são enclausurados junto com outros “desviantes” do comportamento social. Os loucos que historicamente eram tratados como figuras iluminadas, passam a ser considerados doentes mentais.

Esse texto serve para que pensemos que o campo da loucura define-se através de um conjunto de restrições comportamentais a um nível social, sendo enclausurados como loucos não só aqueles que padecem de distúrbios psicológicos, mas também aqueles que por quaisquer motivos que fossem não estivessem adequados à uma lógica de normalidade, ficando assim à mercê do poder de um outro

que toma para si a função de internar aqueles que perturbam independente de seus quadros. Esse é o jogo de poder presente em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, pois ali o corpo da mulher é direcionado à internação por seu berro e seus comportamentos pouco convencionais por dois homens que tomam para si o poder de interna-la.

Além disso, este trabalho não passa pela ideia de loucura como algo exclusivamente clínico e também tenta buscar uma abrangência dos usos da palavra loucura em situações onde se estabelecem jogos de força, pensando assim na questão: quando se enuncia que alguém está louco? Não apenas no caso clínico, não apenas quando se fala de distúrbios psicológicos, mas também em um nível discursivo. Tendo em vista que a própria ideia de loucura é historicamente determinada como nos mostra Foucault, penso também que muitas vezes a palavra loucura tem aparecido na cultura contemporânea no sentido de desqualificar o discurso do outro.

Uma situação que quero usar como pano de fundo para essa discussão é uma breve cena da série Parks and Recreation, onde o personagem Tom Haverford, um funcionário público apático e desinteressado por seu trabalho diz que sua parceira terminou o relacionamento com ele, mas por sorte, ele é um homem, e quando uma mulher termina o relacionamento com o homem ele pode simplesmente dizer que ela é louca.

Nessa cena podemos ver que desqualificar a razão de uma mulher não é necessariamente falar sobre a loucura clínica, mas é apenas uma artifício que se usa para diminuí-la, sendo um refúgio comum para tentar perpetuar uma ideia de superioridade da razão masculina.

Essa discussão pode ser feita baseada nas diferenças que Peter Pal Pélbart estabelece entre Loucura e Desrazão em seu livro *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão* (1989). Para o autor, a loucura teria um caráter subversivo e abrigaria apenas as características negativas relacionadas ao louco, enquanto na desrazão existe um território para o fora da razão que não é necessariamente categorizado como louco. Como podemos ver no caso do conto, mesmo vivendo em liberdade condicionada, mesmo sendo motivo de vergonha para o irmão, mesmo não sabendo controlar seus impulsos em público, em nenhum momento o autor se caracteriza como louco, loucura esta que parece estar guardada para a figura feminina, enquanto o homem pode justificar seus atos apenas como momentos fora da razão.

No capítulo que encerra este trabalho, quero mostrar como a questão da enunciação da palavra *loucura* quando relacionada à figura da mulher deve ser observada por perspectiva de identificação da sobrevivência de estruturas de exclusão social. Sua função está relacionada a retirar a razão do discurso de uma mulher. Parece que o caráter semântico da própria palavra “louca” poderia assim ser percebido como um instrumento de opressão da subjetividade feminina muito bem engendrada no mundo em que vivemos.

Esse último capítulo, *Os Banheiros*, trata também é claro do livro de contos de mesmo nome de Victor Giudice e busca nele outros traços possíveis para análise. Por exemplo, no conto Miguel Covarrubra, onde entre tantos personagens conta-se a história de uma mulher, Eulália que enlouqueceu após descobrir que seu noivo e seu irmão que morreram eram amantes, ou então em Lei do Silêncio, conto onde um policial chega na casa de um homem que atirou na própria mulher e se preocupa apenas em avisá-lo da necessidade de diminuir o barulho, ignorando o absurdo do corpo morto da mulher a sua frente, uma forma de mostrar como a morte das mulheres é invisível e onde uma imagem ainda mais forte da violência contra a mulher presente no livro de contos pode ser percebida.

Enfim, este é um trabalho de literatura, e portanto ele está sempre aberto para o desenvolvimento, mas resumindo o que me propus então é utilizar a alegoria da casa para o texto construindo quatro capítulos, respectivamente, Quarto, Cozinha, Corredor e Banheiros, sendo o Quarto o local da discussão sobre o narrador e alguns traços da experiência da loucura na figura do personagem-narrador, que permeiam o conto, abrindo espaço para uma discussão sobre a Loucura.

Depois, passamos para a Cozinha, onde tomaremos um café feito em uma cafeteira velha que temos por ali. Assim podemos passar a debater um pouco sobre o Carnaval, trazendo novamente a sociologia de Roberto DaMatta, dessa vez apontando algumas críticas. Busco também a ideia de carnavalização da literatura da obra de Bakhtin para ilustrar como o Carnaval exerce uma função de enriquecer os sentidos da Loucura presentes no texto.

Em seguida nos deteremos no Corredor, lá está o que conecta o homem e a mulher louca do conto de Giudice, uma reflexão sobre o Olhar: como este pode ser, como verificado em alguns exemplos contemporâneos, uma forma de identificar a loucura nas mulheres, ou pelo menos, uma forma de questionar sua Razão. Mostro também o Olhar como lugar onde circula o Poder através da Disciplina, acompanhando as ideias desenvolvidas por Michel Foucault sobre esses conceitos.

Por fim quero falar sobre Os Banheiros, a parte mal estruturada desta alegoria, que não faz sentido, por não ser um, são vários banheiros. Eu sei que é estranho uma casa com mais de um banheiro. Para ser sincero tenho morado aqui por tanto tempo que já não me lembro mais quando eles foram construídos. Neste capítulo falo sobre o livro onde se encontra o conto que analiso e proponho uma discussão sobre a Loucura que mostra como nos dias de hoje reservamos para a figura da mulher a alcunha de Louca e maquiemos as loucuras masculinas sob a figura da Desrazão. Trago também alguns exemplos que buscam mostrar a forma como a narrativa que tenta julgar a vizinha como louca expõe uma lógica cruel de desqualificação da mulher que se aplica em outros espaços.

Para encerrar, quero te explicar por que fundação dessa casa parece frágil porque minha visão poética do mundo se dá sob outros preceitos e, apesar da forma lúdica com que imagino tudo isso,

escolhi reservar algumas breves linhas para explicar que não existe casa. Não existe parede aqui. O mundo já foi destruído por um tsunami, um terremoto, um maremoto, um furacão, uma explosão nuclear. O mundo aqui no texto já se desmanchou, só nos restam os escombros, os fragmentos, as ruínas, e o movimento que acredito estar fazendo aqui é o de catar em meio à paisagem destruída alguns fragmentos para dá-los forma. Com o conforto gerado pela forma sincera com que quero colocar dados assuntos, gero uma sensação familiar. Não quero só construir uma casa, quero fazer você se sentir em casa. Sendo assim, tentei da forma mais elegante possível organizar todos esses fragmentos e chama-lo de casa.

Convido você para visitar esta casa e conhecer através desses fragmentos que chamo de Sala, Quarto, Cozinha, Corredor e Os Banheiros. Enfim, os cômodos desta casa que te abriga e que correspondem diretamente à Introdução, ao Capítulo I, II, III e IV. Uma casa simples e com pouco espaço, algo comum da vida estudantil.

Ao final do trabalho, pretendo que retornemos à sala para nos despedirmos, que assim com “s” minúsculo, será a Conclusão do trabalho, onde poderemos dar uma última palavra antes de partirmos em caminhos separados.

Por agora, espero que você tenha se sentido confortável o suficiente para entrar nesta casa e conhecer os seus espaços e suas paredes recheadas de textos teóricos. Espero da visita nada além do interesse em ouvir as histórias e reflexões que atravessaram meu período de formação no curso de Letras Português aqui na UFSC, e aguardo sinceramente que, em dado momento, esse monólogo se torne um diálogo, seja através de uma citação, de um comentário ou da própria leitura que você faz agora, que este texto possa abrir uma discussão e servir de estímulo para que mantenhamos sempre uma postura de reflexão e elaboração das coisas da vida, entendendo que, como esta casa, nada está concluído, tudo é um processo de construção e não existem verdades absolutas. Sempre podemos questionar.

Capítulo I

ou:

O Quarto.

Ele dizia que eu fazia de tudo para envergonhá-lo...

Espero que você tenha desfrutado da leitura até aqui e sinta-se bem-vindo ao meu Quarto. Espero que tenha interesse em ouvir um pouco mais do que tenho para contar durante esta visita. É um prazer que você tenha escolhido entrar aqui na minha casa e conhecê-la melhor. Por vezes nos ronda o medo, a nós todos acadêmicos, de que essas construções textuais que erguemos do chão que é a tela branca jamais serão visitadas, então pela sua circulação aqui dentro me sinto grato.

Eu sei que esta casa especificamente não se parece em nada com uma casa tradicional e o meu quarto é no mínimo estranho. Depois de seguirmos por essa sala que mais parecia uma recepção de prédio público, dobramos à esquerda pelo corredor branco, chegando à porta bege que dá entrada ao meu quarto. Em uma plaquinha branca os números 013A. É preciso tomar cuidado, pois há dois degraus bem na frente da porta, não passe depressa para não tropeçar. Novamente peço que não nos prendamos ao detalhe, ignore por favor essa placa de vidro enorme com o letreiro em azul que fica bem na entrada. Dentro do quarto todas essas cadeiras azuis enfileiradas de frente para uma mesa, e atrás dela, uma tela. Há tanto tempo eu vivo por aqui que já não consigo mais nem lembrar em que momento comprei todas elas. Me sinto um acumulador descontrolado, transformando um quarto em um auditório apenas pelo prazer de enfileirar cadeiras azuis em direção a uma mesa e uma tela branca.

Eu sei que nesse ponto toda essa história da casa já não deve fazer muito sentido, mas não quero que você se sinta perdido do mundo dentro dela. Portanto, quero mostrar a casa melhor e dizer do que são feitas essas paredes. Como havia mencionado quando você entrou lá na Sala, a força motriz, argamassa que edifica esta construção, é o conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* de Victor Giudice.

Nascido em Niterói, no dia 14 de fevereiro de 1934, Giudice sempre foi muito influenciado pela arte, seja a música erudita ou a literatura. Ávido leitor das obras de Balzac, em 1975, Victor formou-se em Letras pela UERJ. O escritor encontrou em sua segunda mulher, Eneida Santos, uma grande colaboradora e a primeira leitora de todos os seus rascunhos a partir de 1984 (GIUDICE, [s./d.]).

Mesmo dedicando grande parte de seu tempo à sua carreira no Banco do Brasil, o interesse pela arte e a vontade de escrever se sobressaíram resultando na primeira publicação, o conto *O Banquete* de 1969. A obra de Giudice é composta por quatro livros de contos: *Necrológio* (1972), *Os*

Banheiros (1979), *Salvador janta nos Lamas* (1989), *O museu Darbot e outros mistérios* (1994); dois romances publicados em vida: *Bolero* (1985) e *O sétimo punhal* (1995); e um romance inacabado publicado postumamente: *O catálogo das flores*. Desde o livro de estreia o escritor foi aclamado pela crítica, que via na escrita de Giudice um destaque na ficção brasileira.

Para mim, é imediato relacionar a obra de Giudice com aquilo que rompe qualquer compromisso com o real. Todos os contos fogem do cotidiano através de uma distorção das regras. Há sempre algo ligeiramente posicionado fora do real, que confronta os personagens. Como um exemplo, penso na situação do conto *Os Banheiros*, que abre o livro de título homônimo, onde o avô ocupava pelo resto de sua vida o banheiro da casa, fazendo com que os personagens tivessem de lidar com esse incomodo construindo ainda outro banheiro.

Esse abalo que a literatura de Victor Giudice provoca nas estruturas do real é o traço que mais me afeiçãoou a esse escritor e me sinto honrado de poder montar toda esta conversa baseado no conto dele. É também por causa dessa questão que acredito que o texto literário deste escritor seja um terreno fértil para debater as ideias de Loucura e Desrazão.

Quero iniciar esta parte da visita lembrando do rapaz, o personagem-narrador do conto de Giudice de que falávamos na sala. *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* vem como uma argamassa para a construção dessa casa, uma das peças-chaves disso tudo é exatamente o personagem-narrador.

Como eu vinha dizendo, quero que minha análise do conto de Giudice venha de forma a apreender a experiência da loucura em jogo no texto e de que forma a própria constituição do tema da loucura proporciona uma visão de diferentes experiências dentro daquele universo.

Quero buscar então alguns traços que eu acredito que no texto contribuem para potencializar a reflexão sobre a Loucura. A restrição de liberdade imposta pelo irmão do personagem-narrador, a organização de sua narrativa e a ociosidade.

Como eu já havia mencionado, o último parágrafo do conto nos convida ao primeiro ato de loucura, a releitura, pois na lógica capitalista da produtividade, se a literatura já não tem função utilitária, a releitura da literatura seria a própria irrupção do inferno.

Entretanto, a releitura é necessária, pois quando o narrador revela estar remontando a história que é contada 28 anos após os fatos terem se dado, diretamente de dentro de uma instituição denominada Casa de Saúde de Santa Providência, passamos imediatamente a tomar a narrativa por outra ótica.

Imagino que aí a maioria dos leitores retorna ao texto e tenta tracejar indicativos que referenciem que aquele narrador que contava a história carrega as marcas que o levaram a ser ele o encarcerado ao final do conto, e não a Vizinha.

Digo, até a última parte do conto, entendemos que a vizinha havia enlouquecido em frente ao elevador e os homens, em suas razões, passaram a procurar um lugar para aquela mulher louca. Apenas ao perceber que o texto é escrito por um sujeito em condicionamento de liberdade, dentro de uma casa de saúde, um curto-circuito no sentido do texto se dá e passamos a questionar toda a ótica daquele que narra os eventos.

Assim como Silviano Santiago expressava, em *A Retórica da Verossimilhança* (1978), a necessidade de retomar o olhar para o narrador de *Dom Casmurro* como forma de entender que a história contada já estava determinada por um narrador que se sentia traído e tinha a visão de um homem ciumento com uma convicção independente dos fatos. Em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* é necessário que retomemos a atenção ao narrador após o último parágrafo do conto para pensar nessa narrativa como o fruto da imaginação de um homem que já tinha certeza da história que tinha para contar, já havia dentro de sua própria lógica conferido a loucura à figura da vizinha, tentando de certa forma esgotar ali, na enunciação sobre a vizinha, a experiência da loucura em jogo no texto.

Podemos imaginar, a partir dessa virada, que tudo é mera literatura escrita após anos de confinamento, recolocando a reflexão da loucura no sentido de buscar os motivos pelos quais a Vizinha foi considerada uma mulher louca sob a ótica deste personagem-narrador-encarcerado.

Como disse na sala, a primeira coisa que escolhi fazer para analisar o conto foi centralizar o tema e buscar de que forma o texto o constitui. Arrisco-me a dizer que as primeiras formas com que o texto de Giudice constitui a loucura é através dos traços que mencionei referentes à restrição da liberdade, à organização da narrativa e à ociosidade. Sendo parte da questão de restrição de liberdade toda a exclusão social a que esse personagem-narrador é submetido por seu irmão, com um minucioso controle de suas atividades. Essas são formas que passam a construir um imaginário sobre a loucura como uma exclusão, questão que Foucault identifica na idade clássica como veremos mais à frente.

Nos parágrafos iniciais do conto, descreve-se a situação de controle que o irmão mais velho exercia dentro de casa. O texto expõe a ação do irmão de impedir o personagem-narrador de um convívio social livre, demarcando uma atitude de exclusão do personagem-narrador em relação aos outros. Cito do conto:

Enquanto pôde, impediu-me de ir ao clube nos domingos de carnaval. Dizia que eu fazia de tudo para envergonhá-lo, [...]. Que minhas atitudes irresponsáveis – uma vez me fantasiei de dominó – poderiam prejudica-lo nos meios literários. Eu já estava me acostumando. Meu irmão era quinze anos mais velho e como vivíamos juntos ele se achava no direito de me dar ordens e sobretudo, de proibir coisas. (p. 121).

Assim como podemos ver, o rapaz apresenta em seu relato a queixa das restrições que lhe são impostas, mostrando como, mesmo ao fazer algo banal como vestir-se de dominó, poderia irritar o

seu irmão. Imagino as cores do dominó, preto e branco, que nessa fantasia deviam estar muito similares aos trajes que nosso imaginário cultural atribui aos lugares de encarceramento, sejam as prisões ou hospícios.

Para mim aqui a indicação mais importante é a de que esse rapaz vive excluído, para não causar maiores distúrbios, e o próprio relato mostra como ele se sente segregado dos outros por vezes, como no momento em que a vizinha se abraça ao irmão mais velho e o personagem narrador conta que era “como se meu irmão representasse alguma categoria de homem além da que eu era” (p. 122).

Uma das primeiras marcas que eu fiz sobre a versão impressa do conto que estamos discutindo dizia “a loucura é algo fora do tempo”. Eu notava aí o quanto era necessário aprofundar minhas leituras para poder esmiuçar com maior cuidado esse tema sobre o qual me dediquei a ler. O que dá a sensação de fora do tempo, com toda certeza, é a forma como o personagem-narrador organiza – ou desorganiza – seu relato.

É necessário tomar atenção para como a forma com que o texto está organizado, pois nesse ponto também há uma força de ruptura em relação à norma.

Quando lemos *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* nos confrontamos com um texto ficcional relatado pelo que podemos chamar de narrador autodiegético. Como forma de apresentar aos estudantes de letras as classificações de narradores de Gerard Genette, a Professora Tereza Virginia de Almeida, no livro sobre *Teoria da literatura II*, coloca o narrador autodiegético como “aquele que narra suas próprias experiências, ou seja, é o mesmo que narrador-personagem. É o caso do narrador do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis” (ALMEIDA, 2008: 41). Já falamos anteriormente sobre o texto ser todo estruturado pela ótica do personagem-narrador, porém agora quero falar sobre como essa estrutura se apresenta.

O texto contém um total de dois parágrafos. A ruptura com a norma que esse relato propõe começa aí. A narração do texto começa de supetão, contando um fato atrás do outro, como o desenrolar de uma cena, com apenas uma única troca de parágrafo para revelar o local onde o personagem-narrador montava aquela narrativa.

Apesar do relato se dar em primeira pessoa, é sempre através da ótica de seu irmão mais velho que o personagem se apresenta, remontando com uma memória fotográfica cada segundo do momento em que a vizinha enlouqueceu até a hora em que concordou em ficar internado na Santa Casa de Saúde da Santa Providência.

Almeida (2008: 14) lembra da afirmativa de Paul Ricoeur no sentido de que toda a obra exhibe um mundo temporal, ou seja, que a narrativa contém seu significado atrelado à forma como se mostra a experiência temporal ali. Na experiência temporal em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* observamos outra ruptura. A narrativa conta com perfeição toda a cena do trajeto entre o apartamento

e o local de internação do personagem-narrador, porém, tudo isso é contado 28 anos depois, de dentro do espaço em que esse personagem se encontrava. Podemos dizer que uma lacuna temporal é aberta nessa virada de parágrafos, pois é onde percebemos que nada nos é revelado sobre esses 28 anos de reclusão, a única coisa que sabemos é que o personagem-narrador diz não poder se queixar do tratamento que vinha recebendo.

Esse espaço temporal do relato e sua apresentação não normativa é o que desloca o sentido do texto. A estrutura sem pausas, com um ritmo eufórico, reproduzindo a urgência em contar muito rápido todos os fatos de uma cena que parece ter sido memorizada fotograficamente em *looping* são todos traços que descentralizam o texto em relação ao real e reforçam ideia de algo fora do normal. Podemos dizer com isso que o personagem-narrador não apresenta uma linguagem organizada. Essa ideia de organização da linguagem será importante como veremos mais à frente em nossa conversa sobre o Carnaval.

Por agora, quero falar sobre um dos textos a que recorri: *Da Clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão* de Peter Pál Pelbart (1989). Logo na introdução Pelbart relata que seu livro não só era fruto de suas leituras, mas também de um estágio dentro de uma hospital psiquiátrico. A ideia de que essa teoria toda que eu acessaria através da minha leitura vinha de alguém que viu com os próprios olhos e foi afetado diretamente pelo tema me dá uma sensação de empatia muito maior com o conteúdo da pesquisa.

Sempre tive certo receio de lidar com o tema loucura. Já ouvi sobre disciplinas que debatiam a literatura e loucura, textos de Foucault sobre relações entre arte e loucura, parceiros de curso envolvidos na luta antimanicomial, mas sempre senti de certa forma que me arriscaria a entrar em um terreno onde meus conhecimentos como estudante de literatura não teriam valor para agregar à discussão.

Logo no começo da leitura do livro, Pelbart problematiza a divisão do saber em relação à loucura entre os psiquiatras e os não-psiquiatras, ou seja, aqueles que desfrutam do ideário da loucura de um lado, e outros que se preocupam objetivamente com o louco. O autor alerta os que buscam estudar esse tema:

Se quisermos fazer da loucura objeto de uma reflexão não-psiquiátrica sem transformá-la em "mera literatura", será preciso recusar a polaridade da dicotomia mencionada por Starobinski (compreendendo sua origem, por exemplo, e desmontando a paranoia da razão que a sustenta), visto que ela fortalece o estatuto contemporâneo da loucura enquanto objeto exclusivo de um saber psiquiátrico. Enfim, trata-se de retirar a loucura desse singular clínico ao qual ela foi reduzida, para poder pensá-la no plural. (PELBART, 1989, p. 14-15).

Foi necessário reconfigurar meu pensamento para poder tratar da loucura como um objeto de debate que não é exclusivo de uma dada área, para que esse singular clínico, lugar onde

automaticamente eu colocava essa discussão, se torne a possibilidade de um pensamento plural, um pensamento que reflita sem o medo e a culpa de serem vereditos finais sobre o tema. Sendo assim, não busco fazer como análise do conto do Giudice um tratado sobre a loucura, ou trazer uma resposta, uma cura, apenas debater sobre até onde nossa compreensão do tema pode estar condicionada pela nossa sociedade e como isso pode ser problematizado olhando com maior cuidado a experiência da loucura proposta nesse conto.

Nessa viagem para entender um pouco sobre loucura, sendo também uma das referências do texto de Pelbart, um importante livro foi *História da loucura na idade clássica* de Michel Foucault (2000a).

Abro parênteses aqui para dizer que é engraçado, aí está outra questão tão amedrontadora academicamente: Michel Foucault.

Ao longo do meu curso de graduação na UFSC, sempre ouvimos Foucault sendo citado em disciplinas sem fim. Michel Foucault escrevia nos anos setenta e tem uma obra imensa, complexa e difícil de ler, ao menos para o aluno que eu era. Então essa necessidade de entender Foucault para construir alguma coisa com isso, sendo esta casa fruto dessa leitura também, foi necessário encarar com coragem.

O texto de Foucault, com uma minúcia clínica, explora a experiência da loucura na Idade Clássica, espaço muito mais denso para a análise do que a experiência da loucura que pode ser contida em um conto de seis páginas com um breve desfecho. Entretanto, é inegável o quanto o pensamento de Foucault faz com que a questão da loucura se torne algo muito mais abrangente e problemático do que podemos imaginar.

Ao contar a história da loucura, o filósofo explica como passava a se operar um sistema de exclusão dentro das sociedades. Durante a leitura eu pensava nesse traço, a exclusão do personagem-narrador de Giudice e as limitações impostas pelo irmão no cotidiano como reflexos de uma resposta enraizada há muitos séculos na história humana para o problema do louco.

Esse espaço de exclusão, de acordo com o filósofo, abre-se na idade média com a figura dos leprosos. Dado o caráter contagioso da doença, os indivíduos leprosos eram segregados da sociedade e encarcerados. Foucault reporta uma série de instituições registradas na história europeia para o tratamento dos leprosos e o tamanho do investimento dado a excluir essas pessoas adoecidas do convívio social. Sobre o desaparecimento da lepra o filósofo conta que não foi mera coincidência:

Estranho desaparecimento, que sem dúvida não foi o efeito, longamente procurado, de obscuras práticas médicas, mas simo resultado espontâneo dessa segregação e a consequência, também, após o fim das Cruzadas, da ruptura com os focos orientais de infecção. A lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim a mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa. Aquilo que sem dúvida vai permanecer por muito mais tempo que a lepra, e que se manterá ainda

numa época em que, há anos, os leprosários estavam vazios, são os valores e as imagens que tinham aderido à personagem do leproso; é o sentido dessa exclusão, a importância no grupo social dessa figura insistente e temida que não se põe de lado sem se traçar à sua volta um círculo sagrado. (FOUCAULT, 2000a: 5-6).

Ou seja, o recuo da lepra não veio de um esforço social para curar essa doença, mas sim resultado de uma ruptura com focos de contaminação. Porém, apesar do recuo da lepra, o espaço de exclusão que ela representa mantém-se aberto para ser ocupado por outra figura que marca profundamente a idade clássica: a loucura.

O imaginário da Renascença, segundo Foucault, era marcado pela Nau dos Loucos (2000a: 20), uma espécie de barco que carregava por entre as cidades os sujeitos expulsos por não se adequarem às regras vigentes, e nesse deslocamento o louco vagava incapaz de adentrar à lógica do trabalho que se armava no mundo ao seu redor. Essa movimentação dos loucos indicava uma inquietude em relação à loucura que passa aí a exercer uma atração mística sobre o homem ocidental.

Seja na experiência da Nau dos Loucos ou na experiência do assombro do homem em relação à loucura, Foucault mostra que, quando falamos dessa questão, não existe uma única resposta ou experiência que tenha acontecido na Renascença, mas sim diferentes experiências que competem entre si, que estão em disputa. Ou seja, apenas o jogo entre essas duas visões é que é capaz de dar conta da visão ocidental da loucura nesse período.

Assim também é com o texto de Giudice, podemos resgatar uma metonímia da imagem da Nau dos Loucos no bonde de carnaval “apinhado de pessoas com fantasias iguais” (p. 123), o bonde, assim como a Nau, tem a função de fazer com que transite pela cidade os transeuntes em um grande grupo, onde todos estão incluídos na lógica do movimento das figuras estranhas e enlouquecidas.

Digo isso porque, para dar conta do tema da loucura que o texto expõe, é necessário observar as diferentes experiências da Loucura que competem na narrativa. Como mencionado lá na Sala, aqui nesse capítulo, que é o meu quarto, analisamos o personagem-narrador, no capítulo seguinte nos deteremos no que acontece lá fora, no Carnaval, em seguida, o que está em jogo entre o personagem-narrador e a vizinha, o que os conecta, e por fim, analisaremos a experiência da loucura da vizinha, colocando assim em parâmetro essas figuras como agentes de diferentes sensibilidades sobre a experiência da loucura, tentando assim apreender essa temática que perpassa o texto.

Além da restrição de liberdade do personagem-narrador, como outra imagem relacionada à experiência da loucura é a ociosidade.

O personagem-narrador contrapõe a sua personalidade com a de seu irmão, um “homem sério, com obras publicadas na Argentina, México e Polônia” (121) que também estipulava a hora em que o narrador deveria estar em casa. Podemos imaginar então que o irmão mais velho, o “sério”, é uma representação do mundo produtivo em contraponto à improdutividade da personalidade do narrador.

Esse contraponto de personalidades pode ser pensado através das figuras de Apolo e Dionísio.

Em *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*, Pelbart nos mostra como na Grécia Antiga, Sócrates dividia em dois grandes gêneros o fenômeno da loucura: a loucura humana e a divina (PELBART, 1989: 23). A primeira seria relacionada com as doenças do corpo, que assim explicavam o desequilíbrio do espírito, enquanto a segunda seria aquela que por uma força divina move os homens de sua vida cotidiana.

Dentro da loucura divina, outras divisões são percebidas por Sócrates: “a loucura profética (Apolo), a ritual (Dionísio), a poética (as Musas) e a erótica (Afodite).” (PELBART, 1989: 24). Assim como Pelbart, falarei apenas das duas primeiras categorias, deixando claro que, com esta exposição das ideias platônicas não se busca uma relação direta com o fenômeno psiquiátrico e médico da loucura do mundo contemporâneo, mas sim para mostrar como em um outro momento histórico as sociedades se relacionavam com suas figuras de Desrazão.

Como indica Pelbart, a primeira loucura divina que Platão descreve é a da profecia ritual, onde o discurso do oráculo transmitido pela “pitonisa em transe diz a palavra do deus e do destino” (PELBART, 1989: 25). Podemos perceber assim, que naquele contexto a loucura era algo muito próximo da arte divina, que tinha como função, conhecer o futuro, tendo assim também uma conexão com a própria ideia de conhecimento. Quem inspira o discurso do oráculo é o deus Apolo, porém, essa comunicação se dá de modo obtuso e enigmático. Sobre essa questão o filósofo se pergunta “como pode Apolo, deus da clareza e harmonia, inspirar a crueldade e a confusão da palavra mântica?” (PELBART, 1989: 28).

Essa pergunta vem no sentido de entender até que ponto esse deus que era dito tão benigno era também capaz de exercer sua crueldade oferecendo o seu conhecimento entrelaçado pelo mistério de sua comunicação enigmática. Pois se o deus Apolo era tão benéfico, porque privaria os homens do conhecimento imediato, colocando-os a sua palavra através do enigma.

Na ideia de relativização das características do deus Apolo, podemos abrir a questão de até que ponto o irmão mais velho no conto de Giudice, que seria uma representação dessa ideia de Apolo, também não está sendo cruel ao ver seu irmão naquela situação de sufocamento do cotidiano através do controle, em seguida não intervindo e deixando que o personagem-narrador fosse internado no lugar da vizinha.

Dionísio, por sua vez, era representado como “o deus do vinho, da fecundidade, da caça, da música, da alegria ou da vida, mas qualquer que fosse seu atributo, lá onde era celebrado seu culto tinha um caráter de exaltação e excesso” (PELBART, 1989: 33). As festas eram comuns como rituais de adoração a esse deus e chegaram a dar origem a grandes festas em nome de Dionísio.

Esse caráter que podemos associar ao personagem-narrador e seu objetivo único: a celebração, o Baile dos Letrados que se dava nesse espaço de celebração dionisíaca que é o Carnaval.

Faço essa relação para mostrar como sobrevivem na cultura contemporânea figuras do desatino, desse pensamento grego que não foi diametralmente encubado pela medicina psiquiátrica, mas que persiste como vestígio nesses personagens literários.

A questão de diferença diametral entre Apolo e Dionísio conferida por Nietzsche é questionada por Pelbart quando lança a pergunta sobre a crueldade da falta de clareza da palavra profética. O autor expõe a teoria de Colli de que Nietzsche só procurava sintetizar nessas figuras as ideias de Schopenhauer. Porém, a lógica de dualidade nietzschiana não se aplicava propriamente, pois havia também uma dimensão obscura na figura de Apolo. O filósofo afirma que “Entre Dionísio e Apolo não há conflito, mas origem comum” (PELBART, 1989: 29). Podemos entender então que esse maniqueísmo nietzschiano tinha um propósito mais discursivo do que expositivo, havendo assim uma possibilidade de leitura mais aberta dessas figuras.

Essa abertura para ler as figuras é que nos permite constantemente jogar com a questão da loucura no texto de Giudice. A loucura em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* não tem um centro, é uma loucura que se espalha em sentidos, traços, figuras. Ou seja, em dado momento essa figura tão bem estruturada e apolínea que é o irmão mais velho também pode ser detentora desses vestígios. As restrições que ele impõe não é sua única atitude destoante no conto. Não podemos esquecer que no contexto do Carnaval, quem não se encaixava era o intelectual, era aquele homem sério, que não queria sambar. Porém, ele ainda assim se colocava como detentor de toda a razão.

As atitudes desse irmão mais velho podem ser questionadas por sua complacência com a internação do irmão, sua neurose em esconder seu irmão e dizer que ele o envergonhava podem ser vistos como traços de um controle obsessivo sobre um rapaz que tinha dificuldade de se encaixar. Uma coisa de que podemos ter certeza é que o personagem-narrador tinha também interesse em escrever, pois escrevia seu relato como forma de contar a história, mesmo dentro de sua desorganização estrutural aparente, que se contrapunha ao mundo acadêmico do irmão.

O internamento do irmão mais novo vem assim como uma forma onde o irmão mais velho pode exercer seu poder e manter aquele irmão enclausurado. Essa solução que a sociedade buscou para a loucura no internamento foi o que, segundo Foucault, era não apenas uma forma de excluir os loucos, mas também de lidar com a miséria, com problemas econômicos e o desemprego, temas que definem também a forma como a loucura se apresenta na era Clássica, contrapondo a ideia da miséria que surgia naquele momento em relação àquela da idade média, ainda carregada de uma conotação religiosa, que poderia levar o sujeito ao paraíso através do sofrimento. Foi por causa do modelo de internamento que a miséria já não tinha mais o sentido espiritual e era agora carregada de culpa.

Foucault percebe isso quando diz que “a Renascença despojou a miséria de sua positividade mística” (FOUCAULT, 2000a: 56), ou seja, fazendo com que a miséria fosse algo não proveitoso no sentido de trazer uma iluminação para aquele que salva o miserável, ideia que o filósofo associa a idade média, passando agora a ser algo que atrapalha e é de domínio do estado e não uma forma de prática de caridade.

Além disso, quero atentar para a ideia de Foucault para que percebamos que a busca por uma cura, preocupação da medicalização da loucura, na verdade era menos uma busca de erradicação da doença, mas sim uma forma de condenar o ocioso e aquele que não se inseria no sistema de trabalho que se fortalecia: o desempregado. Ou seja, não havia lugar para aquele que não está trabalhando em prol do progresso social e da ordem, e não só se passou a excluir os ociosos como também a detê-los, criando um sistema de obrigações.

Sendo assim, o internamento nasce em uma crise econômica para lidar principalmente com o desemprego. E fora dos tempos de crise, esse espaço que reabsorvia os ociosos e os protegia da sociedade servia como mão de obra barata. Essa ideia toda do internamento se relaciona totalmente com uma certa ideia de trabalho, tanto que, como conta Foucault, não apenas o louco foi isolado pelo sistema de internação, mas também outras figuras que tem a ver com aquilo que está fora da Razão. No livro de Foucault (2000a), vemos que aquilo que acontecia na internação clássica unia, com a loucura, outras figuras como a libertinagem, o misticismo, os atos contra as normas de produtividade que se estabeleciam – ou seja, tudo o que caracteriza o mundo da desrazão.

Para o personagem-narrador de *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, era evidente que a mulher lhe desejava e que, ao negar retribuir-lhe o beijo e reagir com um grito, essa mulher estava completamente ausente de sua Razão, e para tanto se tornava lógico que ela havia enlouquecido. Essa atitude nos faz notar que dentro do texto de Giudice, a enunciação da loucura da mulher é uma forma de retirá-la da posição de poder que a Razão confere. Veremos isso com maiores detalhes nas discussões sobre o Olhar que faremos na Cozinha e nas discussões sobre a Vizinha que faremos nos Banheiros.

Para prosseguir com a conversa, é aí na ideia do internamento e do ocioso que vem à tona novamente a imagem do personagem-narrador. Podemos ver aqui uma possível relação com a loucura da teoria foucaultiana, porque também sob esse rapaz havia o estigma da ociosidade.

Na idade clássica o louco e o ocioso se uniam no sistema de restrição de liberdade, assim se dava com o narrador de Giudice. Não quero tentar te convencer de que *O dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* é a história de um homem louco, mas ao problematizar esses traços, o condicionamento de liberdade, a ociosidade e a organização do discurso, tento capturar uma determinada relação do personagem-narrador com a loucura, demarcada por experiências relacionadas a ela, pois não

podemos esquecer que, apesar de escrever do internamento, em toda a narrativa a ótica é de um sujeito convencido de sua perfeita razão.

Para tencionar esse equilíbrio, o texto traz na figura do irmão, um “homem sério, com obras publicadas na Argentina, México e Polônia, e com elogios eficazes da crítica universitária (GIUDICE, 1979: 121), ou seja, um homem que não só figurava uma ideia de razão, como também tinha o apoio das instituições em relação ao seu lugar, sensação muito diferente daquelas descritas pelo personagem-narrador, que não se sentia da mesma categoria de homem aos olhos da vizinha por exemplo (GIUDICE, 1979: 122).

Porém, seria engano pensar que essa ideia de razão que a aprovação das instituições e a posição do personagem-narrador em relação a ele são sinais de que suas atitudes não podem ser questionadas. Para isso, imaginei a lógica de relação entre Apolo e Dionísio, mostrando que mesmo nessas figurações da Grécia Antiga, já estava uma exposição de como as figuras podem ser muito mais complexas do que se apresentam pra nós, sendo a atitude do deus grego Apolo de transmitir a palavra do oráculo através do enigma, uma forma de crueldade não prevista na positividade representada por sua figura. Assim é também com as atitudes do irmão mais velho, que poderiam ter sido arquitetadas para induzir o irmão ao internamento desde o início, como forma de livrar-se desse ser que o incomodava. O irmão mais velho em minha leitura não é algo que se contrapõe diametralmente à experiência da loucura presente no texto. Peter Pál Pelbart mostra que, desde a tradição hegeliana, já se pensava na ideia da loucura não como algo distante da razão, mas como uma parte dela:

Notemos desde já que loucura — designada por Hegel como alienação mental — não será definida por ele como ausência de razão, nem seu oposto, mas simplesmente como uma relação interior à razão. A sequência — cujas implicações examinaremos mais adiante — já se pode deduzir desse postulado básico mencionado acima: será absolutamente impossível considerar a loucura sob o signo de uma exterioridade efetiva em relação à razão. (PELBART, 1989: 47).

Sendo assim, as atitudes do irmão, por mais que pareçam razoáveis, são também parte constitutiva da experiência da loucura presente no conto. É exatamente o contraponto entre os dois irmãos que multiplica as possibilidades de leituras sobre a loucura. Essa ideia hegeliana que Pelbart mostra, do louco não como um monstro exterior e excepcional, mas apenas como um ser humano em conflito consigo mesmo (PELBART, 1989: 50), ou seja, a loucura não como algo alheio à razão, mas como parte de sua constituição, faz com que pensemos nos momentos em que o personagem-narrador questionava seus atos e repensava sua própria ação, desde quando mostrava sua indignação com o sujeito que atendia seu irmão na delegacia (GIUDICE, 1979: 126), até o momento em que chora

arrependido de ter se comportado mal perto de seu irmão (GIUDICE, 1979: 127), como um indicativo desse sujeito em conflito.

Trouxe essas ideias teóricas e a figura do personagem-narrador como uma forma de apreender uma parcela da experiência da loucura que contém no conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, desde a ociosidade e exclusão do personagem narrador em relação à sociedade, até a forma como ele atribui questionamento a seus atos e razão a seu irmão. Essas questões todas nos passam um ideário em jogo dentro do texto, onde cada parte tenta fortalecer, ou enlouquecer, a estrutura do próprio conto, trazendo um universo enlouquecido por completo, que tenta vibrar por todos os detalhes esse signo.

Além disso, como Foucault indica, os espaços de reclusão e internamento estão ligados ao enaltecimento da razão e regras morais, excluindo aqueles que não se adequam a essa lógica, em contraponto a outro momento histórico onde a ideia de liberdade profética e aspectos divinos já foram anteriormente relacionados à loucura. É essa noção de razão que vemos representada em determinadas atitudes do irmão mais velho em sua sobriedade, em sua positividade, em sua adequação às regras e instituições, em seu poder em dizer o que deve ou não ser feito, a que horas se deve ou não sair, e para quem se deve ou não olhar. Através da leitura de Pelbart das ideias de Hegel podemos perceber que tudo isso como uma parte constitutiva e não excluída da experiência da loucura, levando até mesmo à possibilidade de pensar até que ponto esse sujeito que se adequava às regras não esteve usando desse poder para suprimir seu irmão com essa lógica rígida, evitando que ele se manifestasse e colocando em cheque até que ponto o controle não era obsessivo.

A seguir, procuro explorar outras formas de figuração da loucura no texto, para prosseguir a análise pensando em outra parte dessa experiência da loucura que constitui o conto de Giudice. Como forma de te acolher melhor aqui em casa, agora vou te convidar para ir ali na Cozinha, para tomarmos um café, ato característico do anfitrião que dramatiza a hospitalidade brasileira.

Capítulo II

ou:

A Cozinha

O espírito da folia...

Para prosseguir com a discussão, quero conduzir nossa conversa por outros tópicos e imagens aqui na Cozinha. Antes que você padeça de tédio, vou servir o café. Deixamos mais cedo a água esquentando, agora que está fervida posso servir rapidinho duas xícaras de café bem quentes, deixando o cheiro invadir a casa. O café tem a função de nos fazer acordar com seu amargor, vivemos uma vida mais doce depois de uma boa xícara de café amargo, mas o cheiro do café com certeza desempenha uma função tão importante quanto o sabor ou a cafeína.

Quero aproveitar a energia que nos fornece a bebida quente para conversar mais um pouco. Minha cozinha é pequena, com móveis antigos, essa pia de inox e esse armário de madeira com gavetas brancas, na frente da porta uma plaquinha em branco escrito 008. Podemos ver da janela apenas as grades do prédio em frente e a grama que divide os blocos. Aqui podemos conversar sobre um aspecto mais lúdico da loucura representado no texto de Giudice.

Quero lembrar do primeiro elemento que o texto apresenta para exaltar a diferença entre o irmão mais velho e seu irmão mais novo. Em seu relato, o personagem-narrador começa revelando seu desejo de comparecer ao Baile dos Letrados, no clube que havia começado com “intenções de sociedade literária” (p. 121) e quase terminou “como grêmio recreativo e escola de samba” (p. 121).

O personagem-narrador apresenta como uma primeira diferenciação do irmão o fato de que ele “nunca foi à festa porque até hoje não concorda com a linha carnavalesca” (p. 121). Não se pode perder de vista que *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* se passa em pleno domingo de Carnaval, sendo esse fator a justificativa para ações e decisões tomadas no texto. Até mesmo o momento em que a vizinha enlouquece, a atitude que o rapaz toma é atribuída ao “espírito da folia” (GIUDICE, 1979: 122) e não a sua própria responsabilidade.

Outro exemplo da força imperativa do Carnaval é na delegacia, onde o guarda fala aos irmãos que “se não fosse domingo de carnaval, colocaria uma viatura a nossa disposição, tal a gravidade do caso.” (GIUDICE, 1979: 125). Porém, era domingo de carnaval, questão que parecia demandar uma ação específica, um modo de agir que só se dá nesse dia. Ou seja, a localização temporal e espacial do conto em meio ao carnaval tem como função trazer verossimilhança ao que é narrado.

Quando digo que minha análise se refere às diferentes manifestações da experiência da loucura que o conto de Giudice apresenta, penso no Carnaval como uma delas, que vem como um

elemento desestabilizador no sentido do texto, através da figuração de um momento onde a desordem prevalece e comanda, regulando esse espaço e provocando um verdadeiro enlouquecimento literário. *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* nos retira qualquer possibilidade de encontrar um elemento norteador da realidade onde nos agarrarmos, mesmo sendo construído de forma simples, com uma linguagem acessível. Parece que não há mais onde segurar após terminar o conto.

Mencionei mais cedo na nossa conversa o quanto a estrutura do relato tinha a ver com a descentralização da loucura no texto. Porém, outra questão que fortemente influencia as sensações que o leitor experiencia ao ler o conto que estou analisando aqui é o ritmo.

Em artigo que atenta para essa característica da obra de Giudice, sob nome de Ritmo irresistível (ALMEIDA, 2016), Tereza Virginia de Almeida lembra do íntimo contato que o escritor carioca tinha com a música, chegando a se tornar crítico de música no Jornal do Brasil ao final de sua carreira (ALMEIDA, 2016: 50). Além disso, o escritor tinha contato com a ópera, e ao examinar os manuscritos da obra de Giudice que a família conservava, pode-se perceber que ele preparava uma aula que fazia relações entre a obra de Machado de Assis e a ópera.

Para enriquecer sua argumentação em seu artigo, a professora remonta as ideias teóricas de Hans Ulrich Gumbrecht, que define que “O ritmo é a realização da forma sob a condição complicadora do tempo” (apud ALMEIDA, 2016: 53). Sendo assim, o ritmo seria uma forma de distribuir a presença no tempo, estabelecendo uma relação com o significado do texto. Desta forma, o artigo atenta para o fato de que quando o ritmo se põe a serviço da literatura, algo emerge fugindo à dimensão da representação. O ritmo seria então um traço sensível que une o leitor ao relato e o afeta em sua produção de significado.

Ao atentar mais especificamente ao conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, o artigo da professora Tereza chama atenção para o tom marcadamente humorístico da narrativa e o ritmo frenético com que o relato é apresentado, quase que como uma reprodução do ritmo festivo que se instaurava no momento do conto (ALMEIDA, 2016: 59).

Ou seja, em consonância com o ritmo frenético do carnaval, as frases curtas e o relato todo jogado em apenas um parágrafo, tendo apenas uma pausa para poder explicar as condições discursivas em que o relato era produzido, tentam convidar o leitor a entrar no jogo eufórico da festa pela forma como a narração dos acontecimentos é construída.

Para encerrar essa discussão do ritmo, quero atentar que uma das formas mais interessantes de percebê-lo na literatura é ler o texto em voz alta. Sei que exigir tempo para parar e ler esse conto em voz alta de alguém que não está pesquisando como eu pode parecer exagero, então lhe descrevo a sensação. Falta fôlego. Imagino ao final do relato uma pessoa que respira apurada para tomar o ar que havia escapado todo em um só parágrafo de seu texto. A virada no final é um suspiro, que enche

os pulmões e refresca a cabeça, depois do turbilhão do relato, para poder organizar a localização daquele sujeito. Aquele relato parece sair como um movimento involuntário do personagem-narrador que solta de si sua narrativa com toda a força que pode, quase que de forma inevitável, nos envolvendo assim no que Tereza chama de ritmo irresistível.

Esse ritmo tem como função envolver o leitor para que ao final do conto, ao tomar noção das condições em que era escrito o relato, o leitor abre o enigma, ao invés de encerrá-lo, e a pergunta mais frequente do leitor é “Quem é o louco?” (ALMEIDA, 2016: 60). Inclusive, essa é uma das questões mais interessantes em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, o texto parece abrir uma quantidade de perguntas maior do que de respostas. O final do conto convida o leitor a voltar atrás e não a se sentir sanado de suas dúvidas.

Muito disso se deve a um ponto que Tereza destaca: a inoperância das instituições brasileiras (ALMEIDA, 2016: 59). No conto, os personagens atravessam a cidade, da delegacia ao sanatório, sem nenhum tipo de auxílio para sua situação caracterizada como emergencial. Isso mostra o quanto todos os elementos da narrativa foram arquitetados por Giudice também para compor uma crítica social.

A formação do autor em Letras devia tê-lo colocado pelo menos em dado momento em contato com as reflexões sobre a loucura, mostrando no conto que o autor tinha noção da inoperância das instituições e da relação questionável entre internamento e loucura, colocando todos esses elementos como forma de fazer o leitor sentir com a narrativa a problemática da crítica que tecia.

Porém, é necessário lembrarmos que a crítica se fortalece justamente pelo conto ser ambientado no período do Carnaval. Ao instaurar o espaço festivo que tem um caráter de situação de exceção no Rio de Janeiro de onde Giudice escrevia, o autor utiliza essa justificativa para a falta de solução do problema que o personagem-narrador tinha em mãos. Porém, não é necessário viver mais de um ano no Brasil para percebermos que aquela problemática não é a exceção, mas sim o cotidiano por aqui. Tanto que uma das primeiras marcas que as instituições traziam no relato era a ausência de relação com o mundo frenético do Carnaval lá fora, representando um espaço de estagnação temporal. Principalmente no que diz respeito a Casa de Saúde da Santa Providência, onde estava prestes a ser internado, o personagem-narrador relata que quem o atendera fora “(...) um rapaz amável que parecia ignorar a existência do carnaval.” (p. 127). Ou seja, nos espaços das instituições, a associação feita era da suspensão do tempo, que tem seu ápice máximo no intervalo de tempo entre os fatos narrados e a escrita da narrativa.

Assim, essas instituições inoperantes parecem ser fator de influência direta na permanência do personagem-narrador por 28 anos, apenas lembrando seu desejo de ir ao Baile dos Letrados naquele carnaval. Assim como eu entrei aos 18 anos aqui na UFSC e fiquei preso em looping, por 9

anos, no mesmo curso, com exceção da orientação para a escrita deste trabalho de responsabilidade da Tereza Virginia, não consigo me lembrar de algum momento onde a instituição veio como auxílio para me tirar do buraco de inoperância onde havia me metido. Não há dúvidas de que as instituições falhas marcam a subjetividade e são fator que contribuem diretamente para a problematização da loucura no texto de Giudice, pois assim se dá também na vida nossa de cada dia, regida por instituições que não acolhem, mas burocratizam e afastam.

Apesar de não ter abordado a personalidade do irmão mais velho através da ótica apolínea que coloquei anteriormente, que retira desse irmão mais velho a razão que lhe era estabelecida, que como o próprio narrador já descrevia, tinha como ponto de afirmação da identidade a aprovação das instituições, o conhecimento da inoperância das instituições já fazia com que Tereza questionasse as atitudes do irmão mais velho:

Mas se a estada no hospício não é garantia de loucura, não seria o irmão o louco? Não estaria o irmão apenas se utilizando da instituição para se ver livre do narrador? As perguntas são muitas e a verdade está desde sempre descentrada, como em muitas outras narrativas de Giudice, em sintonia com o contexto pós-moderno, mas o leitor certamente há de sentir o desejo de refazer o percurso do conto. (ALMEIDA, 2016: 60).

Com essa problematização das instituições somos capazes de ir mais longe na nossa imaginação sobre a descentralização da verdade e da loucura no conto de Giudice, lembrando que, anteriormente em nossa conversa já havíamos discutido a relação entre a loucura e a internação, porém, aqui, podemos finalmente quebrar a relação entre hospício e loucura, através da arquitetura cuidadosa que a linguagem do conto utiliza para potencializar o questionamento.

Para além do ritmo, os acontecimentos descritos em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* se dão em um espaço de exceção, em um momento de suspensão das regras vigentes em um dia comum, que como já vimos é justificado pelo Carnaval. É nesse afastamento da razão e das regras que quero pensar agora, pensando o evento do Carnaval como constituinte da experiência da loucura no conto de Giudice.

As relações entre o carnaval e a palavra loucura são comentadas pelo antropólogo DaMatta, quando ele lembra que essa é uma das palavras mais ouvidas no momento do carnaval:

No carnaval, no seu espaço típico, o instante supera o tempo e o evento passa a ser maior do que o sistema que o classifica e lhe empresta um sentido normativo. Não é por outra coisa que a palavra mais ouvida nesse momento é loucura. “Isso é uma loucura!”, dizemos uns para os outros, contemplando esse cenário. Loucura porque estamos na “rua” que, subitamente, se torna um lugar seguro e humano. Loucura, finalmente, porque nosso mundo social, tão preocupado com as hierarquias e as lógicas do “você deve saber o seu lugar” e do “sabe com quem está falando?”, está oferecendo mais aberturas do que aquelas em que podemos entrar. (DAMATTA, 1997b: 118).

Essa ideia da loucura tem a ver com o romper as regras, com o sair dos trilhos, inverter as lógicas tão duras desse mundo em que vivemos. Além disso, outra questão concernente ao Carnaval que o coloca distante da lógica cotidiana é a aparente ausência de leis, colocando o Carnaval como esse lugar outro em relação ao mundo da razão, dando espaço inclusive para a formulação da máxima de que no carnaval a lei é não ter lei. (DAMATTA, 1997b: 119).

Falamos brevemente lá na Sala sobre a forma como Roberto DaMatta utiliza a Casa e a Rua como categorias sociológicas para uma leitura apropriada para a realidade do Brasil. Essas categorias são, para DaMatta, questões determinantes sobre o comportamento das pessoas, assim como para as funções que elas ocupam nesses espaços, e as ideias de mundo associadas a eles. Enquanto a casa exalta a mulher virgem, recatada e do lar, a rua exalta a puta. Enquanto na casa é o lugar onde conhecemos a todos e nos sentimos seguros, na rua ao contrário, é o espaço de todos.

Já o espaço do Carnaval seria exatamente uma oposição, pois a rua do desconhecido e distante passa a se tornar um espaço onde dadas ações anteriormente exclusivas da esfera da Casa podem acontecer normalmente. Em *Carnavais, malandros e heróis* (1997b), DaMatta utiliza dessas categorias de oposição entre Casa e Rua para analisar o Carnaval.

O antropólogo diz que “No carnaval tudo se passava como se a sociedade fosse capaz de, finalmente, inventar um espaço especial onde rua e casa se encontrassem” (DAMATTA, 1997b: 140). Ou seja, para ele o Carnaval unia aspectos públicos e privados no mesmo espaço, causando um deslocamento de papéis e valores sociais. Dentro do texto de Giudice, a mescla entre o comportamento da casa e da rua, parece provocar um rompimento no sentido do comportamento dos personagens, e a forma como os comportamentos dos espaços fechados e abertos se sobrepõem confundem o personagem-narrador.

Um primeiro exemplo seria a forma como, quando dentro dos corredores do prédio, a vizinha, mesmo vestida para ir para rua, pareceu na ótica do personagem-narrador oferecer um beijo, e o rompimento entre a ética de recatar os comportamentos dentro dos espaços fechados fez com que o “espírito da folia”, o sentimento do Carnaval da Rua, invadissem o âmbito da Casa, e essa inversão resultou no insucesso da invasão da privacidade da mulher que berra desesperada e libera “um som gutural que se prolongou praticamente por toda nossa vida” (GIUDICE, 1979: 122). Esse som corresponde ao choque entre os comportamentos da Rua e da Casa em sua mescla negativa, próprias da lógica de um homem com os valores de mundo desajustados.

Porém, no espaço da Rua, onde se dava o Carnaval, as atitudes invertidas e a permissibilidade envolvida nas ações faziam com que o personagem-narrador acreditasse que seu desejo pela vizinha já não era mais algo a ser proibido. Após a passagem do espaço fechado para a rua “Apertou o botão do elevador e descemos para a rua.” (122), a vizinha passa a Sambar automaticamente, atitude que o

narrador tenta por muitas vezes colocar como uma forma de desatino por parte da Vizinha, mas o samba é na verdade parte da lógica vigente no Carnaval.

O Samba coloca imediatamente o texto para a lógica da Rua e o movimento do corpo da Vizinha pode ser lido através de uma ótica que pretendo questionar que se encontra no texto de DaMatta. O antropólogo diz que a representação do corpo costuma mostra-lo parado, porém, no Carnaval, o corpo se movimenta, revelando todas as suas potencialidades (1997b: 140). DaMatta diz que o corpo em movimento “chama” o outro, tornando este corpo alusivo ao ato sexual.

O escritor faz as seguintes considerações:

Além disso, aquilo que no mundo diário é considerado um “pecado”, ou seja, a provocação intensa do público e dos homens pelas mulheres, passa a ser tomado como algo normal, como parte do estilo do festival. A norma do recato é substituída pela “abertura” do corpo ao grotesco e às suas possibilidades como alvo do desejo e instrumento de prazer. Os gestos indicadores do ato sexual invertem o mundo, pois devem ser realizados em casa, na plena intimidade de um quarto e numa cama, nunca em pé, num andor e em meio a uma multidão. (DAMATTA, 1997b: 140).

Pergunto-me se essa liberdade que DaMatta comenta não está sendo tomada por uma perspectiva masculina, abrindo precedentes para todo o tipo de assédio por parte dos homens, marcando com sua teoria um imaginário masculino onde na Rua do Carnaval a sexualidade é exacerbada por todas as mulheres e que todo o gesto de dança é indicativo de um convite ao sexo. Claro que no Carnaval essa lógica também aparece, porém como fica claro em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, essa lógica não é universal, e apesar do Carnaval se colocar como um espaço propício para as mulheres usarem seus corpos como bem entenderem, não são todas as mulheres, em todas as situações e em todos os espaços que estarão abertas para esse jogo. Imagino se esse tipo de generalização da sensibilidade em relação ao Corpo no Carnaval não demarca uma situação de abuso poder sobre os corpos deliberado por um imaginário de uma lógica de sedução que não é necessariamente universal.

Não podemos negar que na cena que se passa entre o rapaz, a vizinha e o seu irmão, as diferentes formas do poder estão em jogo e aqui nesse ponto é necessário trazer de volta à conversa Michel Foucault. O conceito de Poder atravessa a obra do filósofo e em *Microfísica do poder* (2000b), uma série de entrevistas e artigos que discutem a questão apresentam a ideia de um poder que não tem centro, um poder que não vem de cima, mas um poder que está espalhado pela esfera social e que está o tempo todo em jogo nas relações sociais.

As noções tradicionais do Poder o ligam diretamente à força do Estado, ou à ideia de repressão, à ideia de alguém que controla e proíbe, mas Foucault rompe com essas noções:

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. (FOUCAULT, 2000b: 148)

Se pensamos em um poder espalhado pela esfera social e que se dá em todas as relações, podemos traçar aqui uma ideia de como o poder é exercido na ótica masculina que comentei para subjugar o corpo feminino. Na teoria de DaMatta, acho que é possível entender que esse poder se solidifica na força com que o homem é convidado a exercer domínio sobre o corpo da mulher no Carnaval quando pensa que em toda a situação carnavalesca todos os corpos femininos que dançam estão abertos para o jogo de sedução. Claro que existem mulheres abertas aos jogos de sedução, porém, não podemos tomar isso como regra, pois a mulher também tem liberdade de sair para rua de vestido preto aberto até a coxa e sambar sem ter que se deixar seduzir por quem quer que seja. Lembrando também que outro aspecto próprio da teoria de DaMatta é imaginar que a dramatização do Carnaval brasileiro exalta a figura da Mulher como Puta em oposição à imagem da Mulher como Virgem-Maria, sendo a primeira correspondente do âmbito da Rua, exaltada no Carnaval, e a segunda do âmbito da Casa, exaltada durante o resto do ano.

Pretendo repousar o pensamento com maior foco na questão da Vizinha na última parte deste trabalho, onde a visita passará por uma parte confusa da casa: Os Banheiros.

Para concluir a discussão das ideias de DaMatta, agora com o conceito do Poder em jogo, outro momento onde a inversão dos comportamentos comuns dos espaços Casa e Rua são uma forma como o narrador tenta contribuir para dar sentido à loucura da Vizinha é o comportamento invertido da mulher. As atitudes dela são vistas em um tom de experiência trágica em dados momentos para fortalecer na narrativa a ideia de que a mulher está enlouquecida.

O personagem-narrador, no momento que entra com o irmão e a vizinha no hospital em busca de ajuda descreve que “Nossa entrada no hospital foi trágica, pois meu irmão achou que era desrespeito a mulher sambar num ambiente dominado pela tristeza” (GIUDICE, 1979: 124). Nessa cena, o Sambar, que está englobado na esfera de comportamentos da Rua, invade o espaço fechado e privado do Hospital onde operam as lógicas da Casa. Esse choque entre os comportamentos sociais são a forma como o personagem-narrador busca elementos que certifiquem o leitor da loucura da vizinha.

Outra coisa que pretendo defender em relação à figuração do Carnaval no conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, é que dentro do texto de Giudice, “a carnavalização da literatura” tem como função agregar como um dos múltiplos fatores que compõem a experiência da loucura em jogo no texto.

Essa “carnavalização da literatura” é um conceito de um teórico russo chamado Mikhail Bakhtin. Ele desenvolve suas ideias a respeito do Carnaval em duas obras, primeiro em *Problemas da poética de Dostoiévski* (1981) há uma breve conceituação de carnavalização, e depois em *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999) há uma análise mais detalhada sobre o Carnaval.

Para Bakhtin, o Carnaval era o conjunto de manifestações da cultura popular, tanto no período medieval quanto no Renascimento, período que se dedicou a analisar em suas publicações, que geravam uma determinada compreensão do mundo através de uma linguagem elaborada e complexa. Quando essa linguagem aparece na literatura, o teórico russo diz que é essa “transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos de carnavalização da literatura” (BAKHTIN, 1981: 105).

Segundo o teórico russo, o que era abolido principalmente no Carnaval era a hierarquia (1981: 105), isso seria uma parte do que compõe essa ideia de carnavalização, uma irrupção das ordens do cotidiano. Porém, como vemos em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, nos espaços internos essas proibições ainda estavam em voga. No espaço interno a aproximação da vizinha ao personagem-narrador era impensada, na Rua havia certo nível de autorização.

Digo com isso que o que acredito estar acontecendo nesse Carnaval do conto de Giudice é uma forma de contribuir ou de representar ainda mais um agente da experiência da loucura em jogo, fazendo com que a construção narrativa deixe espaço para interpretações diferentes.

Por aqui encerro as considerações sobre o Carnaval e espero sinceramente que a cafeína tenha servido de estímulo para manter o ânimo de continuar com essa visita. Aqui na cozinha falamos um pouco sobre o caráter do Carnaval em relação às oposições das categorias Casa e Rua propostas por Roberto DaMatta. Com algumas passagens de sua obra, propus uma problematização sobre a questão da ótica que permeava algumas das ideias do Carnaval como um local onde todas as ações de dominação masculina e exaltação do seu poder sobre a mulher não apresentam uma visão total da experiência do Carnaval, pois a questão não é colocada pelos diferentes ângulos de visão sobre essa questão. Além disso, mostrei como o comportamento da Vizinha que rompia com as atitudes designadas aos espaços que ela ocupava geravam um efeito de loucura em suas ações. O fato de ela Sambar no Hospital, comportamento da Rua, por exemplo, eram argumentos do narrador que buscavam tornar correto seu veredito em relação à sanidade da mulher, ignorando o fato de que, na verdade as ações da mulher eram condizentes com a lógica do Carnaval.

Com isso, tive a intenção de mostrar como o Carnaval opera como agente direto na experiência total da loucura proposta no texto de Giudice. Para seguir a conversa, vamos parar em lugar inesperado, quero que você veja o Corredor. Mais do que ver alguma coisa, lá iremos discutir

sobre o que vemos. Espero que você não se sinta desconfortável pelo convite pouco usual de se conversar em um Corredor, mas imagino que a experiência possa ser rica para refletir sobre outra face da Loucura que passa pelo conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*.

Capítulo III

ou:

O Corredor

Olhar obsceno...

Neste ponto da visita, esta casa que tentei construir alegoricamente para situar meu texto começa a revelar suas imperfeições mais profundas. Aqui estamos em um Corredor que revela uma Ruína, uma parte complicada da casa. Será mesmo uma casa?

Imagino que você se pergunte isso.

Depois de passar por uma sala-recepção, por um quarto-auditório, estamos entre corredores simples, monótonos, que conectam salas e se estendem para além do território que eu chamo de casa, desembocam em mesas de estudo, em escadas para outros andares, apenas uma placa todas nas portas brancas, sinalizando masculino e feminino. Sinceramente, não tenho ideia de como uma casa pode ser tão longa para ter este corredor. É uma casa que mais parece uma instituição, tem espaço para diversos moradores. Já não lembro porque esta casa é tão grande, quando vim morar aqui já era assim.

Antes que essa brincadeira toda com a estrutura da casa gere confusão, quero parar por aqui para propor uma reflexão sobre as coisas que estão *entre* uma coisa e outra, sobre o que une ou separa as coisas.

Na casa, o Corredor divide a Sala e a Cozinha d’Os Banheiros. Na literatura a pedra divide o começo do caminho do fim dele. Em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, o que conecta a vizinha e o personagem-narrador é o Olhar.

Alguns teóricos brasileiros colocaram sua atenção nas coisas que estão *entre*, sendo o caso mais clássico o de Silviano Santiago no *Entre-lugar* do discurso latino-americano (1978). Porém, para construir este Corredor, e já que neste ponto me apropriei completamente da alegoria da casa, chamo atenção à noção de *entre* que Roberto DaMatta coloca em *A Casa e a rua* (1997a).

No texto, o autor atenta como muitas vezes visões dualísticas não são suficientes para interpretar o Brasil. Família/Estado, esquerda/direita e outras oposições, não seriam para o autor uma forma de análise de um modo totalizado (DAMATTA, 1997a: 23).

Para DaMatta, “no Brasil, mais importante do que os elementos em oposição, é a sua conexão, a sua relação, os elos que conjugam os seus elementos” (1997a, p. 23). Esse “entre” das relações, em *A Casa e a rua* é um elemento de análise fundamental, o autor diz que “Para mim, é básico estudar aquele “&” que liga a casa-grande com a senzala e aquele suposto espaço vazio, terrível e medonho que relaciona dominantes e dominados.” (1997a, p. 24).

Antes de prosseguir com a análise da força em jogo *entre* a Vizinha e o personagem-narrador, no conto representado por uma questão de visibilidade, o olhar, quero situar melhor um outro entre. A diferença entre loucura e desrazão, mostrando como a última pode ser compreendida por um outro conceito, o de Fora, e como essas questões estão em jogo no conto de Giudice.

Peter Pál Pelbert faz em, sua obra já citada aqui, *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão* (1989), a diferenciação dos conceitos de desrazão e loucura começando seu trajeto na forma como a Grécia antiga lidava com a ideia de loucura como uma diversidade de experiências, tendo ligação com forças divinas, desde as revelações sobre o destino em forma de enigma proferidas pela pitonisa delirante oráculo sob a influência do deus Apolo até as grandes festas de culto a Dionísio, como expus no capítulo anterior. Tudo isso, para mostrar como naquele momento a sociedade pensava a loucura como algo distante do homem e próximo dos deuses.

Em seguida, a loucura se aproxima da Razão com as ideias hegelianas. Após a Revolução Francesa, Pinel e Hegel, “o primeiro grande clínico e o maior dos pensadores da Razão” (PELBART, 1989: 46), seriam os responsáveis por pensar na loucura como uma perturbação humana, ou seja, a loucura não seria algo externo ao homem, porém agora, algo que é parte de sua natureza. Passa a ser então “no interior da totalidade sistematizada da consciência que ocorre uma fissura.” (PELBART, 1989: 48).

Com isso, percebemos uma mudança histórica na sensibilidade em relação à loucura, antes exterior ao homem, agora parte de sua identidade. Porém, é importante observar, como mostra Pelbart que, ao contrário de Platão, para Hegel não haverá um além da Razão. Enquanto na Grécia a razão era exterior ao sujeito, podendo nessa relação de vizinhança estabelecer uma comunicação, a Europa alienista de Hegel transforma essa relação colocando a loucura como refém da Razão (1989: 54). Essa operação poderia ser resumida dizendo que se passou do Estranho, loucura externa, ao Familiar, loucura dentro da natureza humana, que Pelbart atenta não ter gerado um diálogo, mas sim uma relação de dominação. (1989: 55).

Essas ideias se tornam um fator decisivo na história: “ocorrido na história da loucura de Platão e Hegel: a desrazão, feita loucura, transformou-se em doença mental” (PELBART: 1989: 55). Seguindo o pensamento do autor:

Em outros termos: é provável que Platão não tenha podido *pensar* a loucura porque para ele ela ainda era Desrazão, e por isso não contraditória com ela, mas com a qual uma “comunicação” não estava excluída. A loucura de que fala Hegel em contrapartida, seria a doença mental, isto é, aquilo que, trazido à intimidade objetivante do asilo, esvaziado de seu conteúdo desarmado de seus poderes, já não manifesta qualquer caráter sagrado, trágico ou inumano. Pode então, finalmente, ser pensada – isto é, capturada” (PELBART, 1989: 55).

Desse trecho, atento para a ideia de que a Razão hegeliana está operando uma captura da desrazão. Essa captura se dá na forma da loucura. Entretanto, a desrazão não se resume à loucura, é algo de maior magnitude, que compreende um campo muito maior do que a ideia de loucura pode apreender.

Como nos conta o filósofo Pelbart, o próprio Michel Foucault suprime em seu título as categorias loucura e desrazão, que antes eram parte do título de sua tese *História da loucura na idade clássica*. Entretanto, ainda assim, a obra de Foucault apresenta, em contraponto, ao falar da loucura, a história da desrazão. Ao falar da Grande Internação, o filósofo conta sobre o enclausuramento dos loucos em conjunto a outros personagens “desviantes” das normas sociais, como os libertinos, devassos, sodomitas, como uma maneira de aprisionar uma desrazão, antes inumana e onipresente em uma galeria de tipos “desviantes”. (PELBART, 1989: 59).

Uma imagem que pode nos remeter a esses personagens “desviantes” sendo conduzidos para uma única instituição é a delegacia de polícia no conto de Giudice, que parece funcionar como retrato dessa união de personagens desviantes afunilados por uma lógica institucional de normalização. O personagem-narrador relata que “Sem dúvida a delegacia estava num dos seus melhores dias. Durante espera vimos entrar quatro assaltantes, cinco vítimas de assaltos, uma jovem em prantos que teve o pai assassinado, um traves sem os sentidos, outro embriagado e duas prostitutas ensanguentadas.” (GIUDICE, 1979: 124). A resposta para todos esses perfis, em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* é a instituição, nesse caso, a polícia.

Nessa aproximação da loucura com as figuras “desviantes” vemos como a “loucura-desrazão, que ostentava as marcas do inumano, cede o passo a uma loucura-desregrada, mais adiante da Natureza e mais próxima do homem e de sua natureza.” (PELBART: 1989: 59). Sendo assim, a história da loucura é também a história da dissociação entre loucura e desrazão.

É com a teorização desse conceito, a desrazão, porém sob o nome de *Fora*, que se ocupa o trabalho de uma série de filósofos contemporâneos como Blanchot, Foucault e Deleuze. Através da leitura desses trabalhos Pelbart nos ajuda a tracejar o conceito de *Fora*. O filósofo Blanchot, por exemplo, de acordo com Pelbart, conta como o *Fora* se dá em uma relação:

Relação com o estranho, o estrangeiro, a alteridade, com aquilo que estará fora, do meu espaço, do meu tempo, da minha consciência, do meu eu, da minha palavra, do meu controle. Estará *fora* do meu mundo, de forma desconhecida, impessoal, na mais próxima distância, na mais ausente das presenças, como aquilo que excede o meu pensar, convulsiona meu sentir, desarma meu agir. Isso que está fora, [...] Blanchot o chamará, literalmente, de o *Fora*. (PELBART, 1989: 98, 99).

Esse *Fora* apresenta-se na filosofia contemporânea sob outras formas, o Neutro, Desconhecido, Obscuro. O que importa é entender como esse *Fora* se dá em relação a outros conceitos, que formam a assim a visão de mundo foucaultiana.

É necessário situar o grau de distância teórica dessa visão de mundo antes de apresentá-la. Essa visão é a forma como o filósofo francês Deleuze apresenta as ideias de Michel Foucault. Porém, eu conto aqui com uma mão terceira, de Peter Pál Pelbart, que torna possível para um estudante de vinte-poucos anos brasileiro e sem grandes leituras operar com esse conceito de fortuna teórica tão rica. É importante apresentar esse plano de Foucault para pensar em outros conceitos mais à frente no texto.

No pensamento de Foucault, podem-se identificar “três planos diferentes: o do Saber, o do Poder e o do Fora – cuja articulação complexa constitui aquilo que nós chamamos de Subjetividade.” (PELBART: 1989: 130 – 131). Ao plano do Saber cabem duas formas exteriores: Ver e Falar – luz e linguagem. A combinação desses estratos forma o Saber.

Como indica Pelbart, “Entre dois estratos de saber não há só uma exterioridade recíproca (que se traduz em guerra, captura, entrecruzamento), mas um intervalo efetivo, um não-lugar, um meio (entre-estratos, entre-formas) onde se atualizam as relações de força, isto é, de poder.” (PELBART. 1989: 132). Ou seja, o Poder seria essa relação de forças entre estratos do Saber. Porém, como qualquer relação de forças, o Poder é móvel, evanescente, e está situado no exterior dos estratos de Saber, que também são exteriores a si mesmo, mas que remetem em última análise a um outro exterior, o Fora absoluto: “O Fora, infinitamente mais longínquo que qualquer exterior (e talvez por isso mais próximo que qualquer um deles) é o não estratificado, o sem-forma, o rei do devir e das forças” (PELBART, 1989: 133).

Importante ressaltar que o Poder situa-se em um espaço de movimento entre estratos de Saberes como relação de força.

Apesar de ser simpático ao conceito de Fora, permanecerei ao longo deste trabalho utilizando o termo *Desrazão*, pois acredito que aqui o meu pensamento não abrange toda a força do Fora. Aqui falo apenas de um recorte de atos desarrazoados. Apenas utilizo de uma ideia daquilo que é exterior à razão – porém não necessariamente enclausurado na forma da loucura, e acredito que a terminologia *Desrazão* aí basta.

É importante dizer que, por muitas vezes, utilizo os elementos *além da norma* sob o nome de *desrazão*, acreditando que essa irrupção do desregrado tem uma força que afeta o jogo de sentidos que o texto de Giudice apresenta. É aí que elementos que ressaltai anteriormente, como a estrutura do relato do personagem narrador, em apenas dois parágrafos, rompendo com as regras gramaticais, apresentam-se na minha visão teórica como *Desrazão*, pois o ato opera uma força que obstrui a norma através da representação do fora da norma.

É nessas pequenas irrupções de Desrazão, ou seja, atos desarrazoados, jamais capturados pela enunciação da palavra loucura, que vejo a brincadeira do texto com a loucura, sendo assim um jogo com o seu sentido.

Para partir para o objetivo desta análise, relembro que, já no início do conto o que abria a relação *entre* o personagem-narrador e a vizinha eram os olhares. Ato ao qual seu irmão impunha restrições:

Eu já estava me acostumando. Meu irmão era quinze anos mais velho e como vivíamos juntos, ele se achava no direito de me dar ordens e, sobretudo, de proibir coisas. Não me deixava fumar ou beber, estipulava a hora que eu devia voltar para casa, escolhia minhas amizades e por último não queria que eu olhasse para nossa vizinha, quando na verdade, ela é que olhava para mim. (GIUDICE, 1979: 122).

Em seguida, o rapaz conta que a mulher o olhava “com uma expressão situada entre o deboche e a obscenidade (p. 122), e continua por vezes a mencionar que a “A vizinha balançava os ombros e dirigia o mesmo olhar obsceno que eu já experimentara no elevador.” (p. 124), e que “A vizinha caminhou até onde eu me encontrava, dirigiu-me o mesmo olhar obsceno e me implorou que não deixasse que a prendessem lá” (p. 127).

Uma questão que demarca fortemente o conto de Victor Giudice é a forma como o personagem-narrador constantemente descreve o olhar da Vizinha, que por horas é obsceno, por horas perde a conotação sexual. Parece que nessa suposta conexão em jogo entre ele e a Vizinha, ao olharmos de perto, apenas reforça a estrutura de narração e nos lembra o quanto toda aquela situação já tem uma determinação da ótica do personagem-narrador escrevendo de seu internamento na Casa de Saúde de Santa Providência (p. 128).

Essa problemática do jogo de olhares entre o que o personagem-narrador vê como o centro da ótica narrativa, definindo assim a situação da Vizinha, opera no que está entre o Ver e o Falar, essa força constitui a relação de Poder.

O Poder, como falei aqui mais cedo, para Foucault, é algo que se situa entre os espaços não estratificados do Saber. Para além, o filósofo também postula que o Poder é algo que se exerce e se espalha pela esfera social e age diretamente sobre o corpo. (2000b: 105, 106)

Para que o Poder atue sobre esse corpo de forma a torna-lo força de trabalho é necessário uma série de medidas disciplinares. Aí entra a questão da Disciplina, que para Foucault tem a função de controlar os homens em suas ações, garantindo que a lógica da produtividade se aplique. Uma das formas como essa Disciplina se impõe é através da Vigilância (FOUCAULT, 2000b: 106). Estamos sendo constantemente observados, sempre alguém que olha por nosso trabalho, formando assim uma hierarquia de olhares.

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme à regra. E preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. E assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente (FOUCAULT, 2000b: 106).

Imagino assim, que durante toda a história podemos ver um certo esforço por parte do irmão mais velho de disciplinar seu irmão mais novo, sendo uma dessas formas, e a que mais incomodava o personagem-narrador, a disciplina do Olhar. O irmão não deixava que ele olhasse para a Vizinha, mesmo sendo Ela quem olhava para ele.

A disciplina para Foucault é o poder em exercício, e podemos ver que um dos primeiros movimentos do texto é a reação do personagem-narrador ao exercício de poder de seu irmão que lhe restringe as ações do dia. Em seguida, dentro de sua Razão o personagem-narrador utiliza seu corpo para agir sobre a Vizinha, que se oferecia para o beijo na imaginação dele. O olhar obsceno que ela lançava era a justificativa para o exercício desse Poder.

Existe aí uma interpretação, uma leitura dos Olhares por parte desse personagem-narrador, mas que não é uma ocasião exclusiva ao universo do conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*.

O próprio DaMatta (1997b) tece alguns comentários sobre a questão dos olhares no Carnaval, transpondo a questão para suas categorias básicas. Ou seja, DaMatta formula uma divisão entre a Casa como lugar onde se vê, ou lugar do Olhar, e a Rua como lugar onde se fazem as coisas, lugar do Fazer, transpondo para o Carnaval essa ideia de encontro entre Olhar e Fazer (DAMATTA, 1997b: 140).

Sendo assim, no Carnaval, com a inversão do espectro social que propõe, o povo toma conta de Rua e se coloca no lugar de visibilidade, e algumas pessoas apenas observam o carnaval passar (DAMATTA, 1997b: 141).

Ficam suspensas, as regras que controlam o olhar. No carnaval, o mundo não só se abre ao poder ver e ao poder fazer – com os pobres despertando a inveja dos ricos –, mas também é possível o estabelecimento de relações de desejo, inveja e cobiça pelo olhar aberto e apaixonado, o olhar desejoso. Esse olhar que normalmente deve ser resguardado como a fonte perene do mau-olhado se torna inofensivo no carnaval. Todos se interpretam e se tocam profundamente por meio desses olhares de cobiça, inveja e profunda lascívia. É precisamente isso que permite a exibição do corpo das mulheres e, ainda, da riqueza ostensiva dos ricos, seja pelo pobre, seja pelo rico mesmo. (DAMATTA, 1997b: 141).

Me pergunto se DaMatta não abre aqui precedentes para uma visão de exploração sobre o corpo feminino e um certo tom de permissibilidade e liberdade no Carnaval totalmente demarcado por uma ótica masculina?

Imagino que DaMatta diria que a problemática em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* foi o comportamento do personagem-narrador que não estava apropriado à esfera da Casa, mas que se esse se desse na Rua seria apropriado, dada a excepcionalidade do Carnaval.

Anteriormente, tentei atentar como existe sim uma lógica de comportamento *entre* Casa e Rua e que podemos observá-la em dadas passagens do conto. Entretanto, não acredito que essa permissibilidade e essa abertura para os corpos se verifique completamente. Claro que o comportamento público no Carnaval é de excepcionalidade e os olhares, por exemplo, se tornam muito mais ousados.

Como o próprio personagem-narrador descrevia, parecia que o que interpretava o Olhar da Vizinha como Obsceno era o Espírito da Folia. Essa lógica de permissibilidade e exceção em um Carnaval que não se aplica necessariamente a todos e que fala sim sobre um determinado exercício de Poder, dando carta branca para atitudes que não são de comum acordo. A Vizinha não concordava que se passasse a mão por dentro da abertura de seu vestido independentemente do local onde estavam ou do dia do ano. Esse assédio que o personagem-narrador comete seria assédio também no domínio da Rua. Essa permissibilidade que me parece vir no texto de DaMatta com certeza não é inclusiva pela ótica feminina.

Mas o central disso é que o primeiro traço que o personagem-narrador usou para se sentir no direito de beijar e tocar na Vizinha é o Olhar obsceno, a forma como ela olha para ele. Com certeza, não é a primeira vez que ouvimos a história de um rapaz que dizia que a mulher o olhava com um desejo que na verdade não era algo verdadeiro na ótica da mulher.

Um exemplo para pensarmos nesses julgamentos feitos sobre as mulheres com base em sua forma de Olhar é o texto de Silviano Santiago a que me referi. Mais à frente da questão que comentei sobre a centralização da leitura de *Dom Casmurro* na figura moral do narrador, em *Retórica da Verossimilhança* (1978), o autor menciona a figura de José Dias no romance de Machado, que era uma espécie de conselheiro e morava com a família de Bentinho. Em uma das primeiras vezes que se encontrou com a personagem Capitu, o homem disse ela apresentava “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Com o desenvolver da história, o homem tenta se redimir por sua declaração anterior dizendo que “confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos, [...]”.

Quero também aproveitar o momento da discussão sobre o Olhar para trazer uma referência mais contemporânea de dentro do meu repertório pessoal. Acredito que o trabalho de literatura e de

leitura não deve se resumir ao livro e sempre pode-se encontrar outros traços na cultura, em outros formatos, que contribuem para nosso trabalho teórico. Além do mais, esta visita está ficando entediante, e você não vai querer que fiquemos aqui parados no Corredor o tempo todo.

Por um momento, voltemos ali no meu quarto e coloquemos na tela de projeção uma cena presente na série *How I Met Your Mother*. No sétimo episódio da segunda temporada, Swarley, em uma discussão na mesa de bar, os personagens principais, três amigos, dois deles estão sentados conversando quando o terceiro, chamado Barney, que de forma alegórica representa o estereótipo de homem machista que olha mulheres como objeto, introduz uma teoria de que você pode perceber que uma mulher é louca apenas olhando para os olhos dela, e a partir daí, o episódio exhibe uma série de cenas mostrando as atitudes das mulheres, ali retratadas como insanidades.

Essa cena reforça que o olhar feminino tem por vezes sido utilizado pela lógica masculina como forma de interpretar uma mulher, mesmo sem conhece-la e saber de sua história. Ali a loucura é algo identificável nos olhos, ou seja, por mais que quando pensamos que nessa lógica atribuída ao olhar não estamos frente à loucura, podemos imaginar isso como um traço da brincadeira que Victor Giudice faz com os diferentes figurações de um mundo desarrazoado. Afinal de contas, não me diga que é possível atribuir perfeita Razão a quem interpreta através do Olhar a sanidade mental de uma pessoa. Com certeza essa situação apenas enlouquece mais ainda o universo do conto.

Slavoj Zizek e Renata Salecl organizaram um livro sob o nome de *Voice and Gaze* (1996), onde os autores, já na introdução escrita conjuntamente, atentam para o fato de que Jacques Lacan já havia colocado o Olhar e a Voz como objetos de desejo.

Lacan added to Freud's list of partial objects (breasts, faeces, phallus) two other objects, voice and gaze. It is therefore by no means accidental that gaze and voice are love objects par excellence — not in the sense that we fall in love with a voice or a gaze, but rather in the sense that they are a medium, a catalyst that sets off love. (SALECL & ZIZEK, 1996, pg 3.). ²

Com certeza o que podemos verificar com essa ideia é que o desejo não era mútuo, pois se o personagem-narrador encontrou no Olhar a partícula que o conectava à Vizinha e que lhe convidava ao beijo, no momento em que aparece a Voz da Vizinha em cena, o berro gutural de descontentamento e fúria por ter seu corpo invadido, acaba ali qualquer possibilidade de concordar com o personagem-narrador sobre a disponibilidade da mulher ao seu beijo.

Inclusive não podemos esquecer que apesar de todas as situações descritas sobre a Vizinha a única fala dela registrada pelo personagem-narrador foi a pergunta que lhe colocou na instituição de

² Para o trecho do livro de Salecl e Zizek proponho a seguinte tradução: Lacan adicionou dois objetos parciais na lista de Freud: a voz e o olhar. Sendo assim, não é de forma alguma accidental que a voz e o olhar sejam objetos amorosos por excelência — não no sentido de que nos apaixonamos pela voz e pelo olhar, mas no sentido de que eles são um meio, um catalizador que acolhe o amor.

onde escrevia. A Vizinha pergunta porque ele não ficava no seu lugar na hora de ser internada. Ou seja, se o Olhar da Vizinha foi o precedente para enganos e o local onde o personagem-narrador exercia Poder. Na Voz da mulher, encontramos o perfeito ponto de resistência, e em todas as ocorrências das vocalizações da vizinha, seja no berro gutural (122), seja quando cantava por que razão só voltaste quarta-feira (123), ou quando pergunta por que o rapaz não ficava no seu lugar (128), sempre a Voz foi o elemento de sua Razão, que mostrava a assertividade de suas atitudes e onde a Vizinha exercia o seu Poder.

É partindo daquele “som gutural que se prolongou praticamente por toda nossa vida” (122), nesse grito da Vizinha que exercita o Poder e demarca o espaço que quero convidar para a última reflexão que faremos durante esta visita. Quero te convidar para pensar um pouco mais comigo sobre a figura da Vizinha, em qual sentido ela fortalece a experiência da loucura contida no texto e de que experiência da loucura falamos quando nos referimos à loucura dessa mulher?

Espero que para pensar nessas questões você me acompanhe para ver mais de perto todo um universo, nessa parte da casa que me assusta tanto: Os Banheiros.

Capítulo IV

ou:

Os Banheiros

Foi aí que ela enlouqueceu...

Bom, estamos na última parte da visita, na frente d'Os Banheiros. Aqui a alegoria da casa que eu vinha montando com certo cuidado perdeu sua força. Por isso que eu tinha tanto medo desta parte da casa. Talvez você não tenha percebido, mas as partes da casa que te mostrei eram estranhas e diferentes porque não estamos falando de uma casa qualquer.

Neste ponto, na verdade, você já percebe que a casa de que lhe falava não é uma casa, mas sim o hall de entrada do prédio B do CCE aqui na Universidade Federal de Santa Catarina. Os Banheiros, além do título do livro de contos de Giudice, são partes da casa, são os banheiros públicos aqui do primeiro andar. Na sala dos funcionários, há rumores sobre a interdição do banheiro feminino. Teremos de encerrar nossa conversa aqui, porque às 19 horas começa a palestra da Professora Profa. Dra. Grazielly Baggenstoss e os outros convidados logo devem chegar.

Quando te recebi na porta, te dei as boas-vindas a minha casa, sim. Talvez o efeito do café que tomamos na Cozinha (que na verdade era a sala dos funcionários) ainda não tivesse me acordado o suficiente para me tirar do meu mundo onírico. Já faz tanto tempo que a minha clausura é esse prédio que já não sei mais muito bem onde é a minha casa. Quando estou com sono deitado e durmo, quando quero acordar tomo café, leio textos pelo chão dos corredores, às vezes até troco as minhas roupas nos Banheiros. Depois desse tempo todo já nem lembro mais se tenho para onde voltar depois daqui.

Por isso que, mesmo ao tentar construir uma casa alegórica, acabei apenas representando uma outra casa, na qual já estou há tanto tempo, que é esta instituição.

Não há como negar que para mim uma das sensações mais familiares que existe é estar aqui na UFSC. Entrei em 2009/2, aos 18 anos de idade, para minha primeira fase no curso de Letras Português. Se passaram 9 anos de lá até aqui, e por isso acredito que, de vez em quando, posso confundir o espaço da Universidade com o espaço da minha própria casa, já que passei literalmente um terço de minha vida aqui dentro. Sinceramente, às vezes já não sei mais a diferença.

Mas foi dentre as paredes dessa instituição que encontrei muito do que formulou minha visão de mundo. Para entender melhor a estrutura da casa, você deve ter percebido, durante a visita, que a sala nada mais era do que o Hall de Entrada, a Cozinha, a sala dos funcionários, o Quarto, era na

verdade o Auditório Henrique Fontes, por isso eu falei das cadeiras, enfileiradas, e agora você pode ver que Os Banheiros são os do primeiro andar do prédio B do CCE.

Eu sei que, após a palestra da Professora Grazielly, ainda faltará trabalho a ser escrito e algum chão a trilhar até o último dia definitivo do meu curso. Porém, sei aqui, às portas da palestra, que as últimas considerações que eu tinha para fazer se encerraram, pois o que será exposto aqui, vem apenas para confirmar que trilhei o caminho correto.

Neste último capítulo, quero falar mais especificamente dos dois parágrafos que já destaquei antes no texto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*. Primeiramente, penso no tema que centralizei: a loucura. Por que quis fazer uma reflexão sobre a loucura para falar deste conto?

Aqui dentro das paredes da Universidade tive o contato real com a primeira pessoa que teve seu enlouquecimento registrado institucionalmente: Tereza Virginia, orientadora deste trabalho, sobre a qual tomo a liberdade de tecer um breve comentário.

Em 2009, aos meus 18 anos, como calouro aqui no curso de Letras Português, conversando com colegas no corredor, escutei pela primeira vez a história que circulava boca a boca sobre a Professora Tereza Virginia. “Aquela mulher é louca”, diziam uns, “saiu daqui de camisa de força”, “trancou os alunos desesperados em sala”, “enlouqueceu”, “explodiu a galáxia”, “se afiliou à *Al Qaeda*”, “usou saia curta”. Aparentemente, Tereza cometia todos os horrores que podemos mensurar nas nossas vidas.

Confesso que o sentimento adolescente em relação ao mistério me fez encontrar nos olhos da minha professora a emanção de uma energia oculta. Algo escondido. Eu tinha certeza que olhava para os olhos de uma pessoa louca.

Depois desse primeiro semestre fui morar no Canadá, onde a Tereza já havia morado para realizar a parte experimental da pesquisa de seu doutorado, lembro de ouvir ela comentar sobre isso em aula e quando estive lá, inevitavelmente lembrei dela. Porém, só fui reencontrá-la em sala no semestre de 2016/1, na disciplina sobre o Victor Giudice como contei na introdução. Naquele momento, eu já não estava mais apavorado pelo meu sentimento adolescente em relação ao mistério, as histórias sobre a Professora Louca já não eram mais recorrentes, os alunos atuais já haviam se esquecido dos rumores e eu apenas via Tereza Virginia ali como uma Professora, das melhores, diga-se de passagem.

No semestre seguinte, 2016/2, quem enlouqueceu fui eu. Sumi no meio de uma disciplina dela, não entrei mais em contato, perdi as estribeiras acadêmicas. Só em 2017/2, lendo o conto de Giudice que pensei novamente sobre a loucura. Quando percebi na história sobre a vizinha a intenção de desqualificação daquela acusação de loucura, percebi que tinha uma chave ótima de leitura para o texto, apropriada para a orientadora.

Ai fui forçado a sentar frente a frente, olhar nos olhos cheios de mistério e perguntar, mas e aí, Professora? O que aconteceu?

Aí, na clareza do relato, vi os olhos dela se transformarem. Todos os meus medos e pavores criados por uma imaginação muito fértil se apagaram subitamente. Eu lembrava do momento em que a Vizinha do conto de Giudice, antes da internação organizava seu relato e contava para ele sua história de vida.

Uma reflexão que pude extrair com toda certeza é que a lucidez presente naquele relato foi o que instaurou em mim a verdadeira percepção sobre a loucura. Foi a razoabilidade daquela fala que me forçou a compreender que a loucura era só mais uma parte de nós. Havia lido aquelas tantas páginas de Foucault sobre a história da loucura na idade clássica. Mas tenho certeza que minhas reflexões mais interessantes da sensação que tive naquele momento.

As respostas não poderiam ter sido mais razoáveis e o decorrer de todos os fatos, perfeitamente normais, pelo menos aos meus ouvidos. Aquelas histórias de corredor, aquelas abominações, parece que todas elas carregavam uma coloração específica, parece que estavam cumprindo uma função de exclusão no sentido de recortar de um lado aquele que pode dizer e do outro algo a ser silenciado. Esses rumores eram, definitivamente, fruto do medo e da insegurança que acabaram por se esconder na figuração da Professora Louca.

Em nada aqueles rumores, ou as histórias que se contavam em corredores tem a ver com a vida ou a saúde mental de quem quer que seja. Em nada aquela fala vinha como força de indicar uma doença da qual era preciso cuidar. Nada diziam sobre como ajudar essa pessoa que estamos considerando coletivamente doente quando dizemos que é louca.

Afinal de contas, é muito mais fácil acreditar que tirou 6 porque a professora é louca do que acreditar que, na própria incapacidade de atingir o resultado da avaliação. Assim, esses alunos lidavam com a dureza da realidade de seu desempenho.

Com essa minha versão da história não quero excluir a existência do estado de perturbação psíquica que leva aos atos que caracterizamos como enlouquecidos, nem esconder a angústia que circula aqueles que vivem essa verdade na pele, mas apenas mostrar como se construiu a minha percepção individual sobre uma pessoa enunciada por um grupo mal-intencionado como louca. Não tenho a intenção de com isso formar um imperativo sobre os relatos daqueles que passam por perturbações psíquicas, apenas expor aquilo que atravessou de certa forma a minha sensibilidade em relação ao tema.

Por isso eu te falei que estávamos apenas visitando uma casa. A dureza do Real aqui é o motivo da interdição deste banheiro feminino no dia da palestra sobre Assédio na Universidade. Lá dentro, o Universo escuro que não quero que você veja. Lá dentro, as paredes falam, dizem nomes,

lá dentro, na clausura d'Os Banheiros, censurado aos olhos do público estava o problema relacionado à minha leitura.

Quando subia as escadas do CCE com o texto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* todo riscado na mão para propor para a Tereza a minha explicação de que o enlouquecimento das duas mulheres ali figuradas acontecia após a resistência a um assédio, jamais imaginaria que eu estaria entrando no LabFlor³ ao mesmo tempo em que este dava procedimento a uma denúncia de assédio por parte de um professor dentro da Universidade.

Jamais eu imaginaria que no semestre seguinte, na UDESC, massificariam as denúncias, desmascarando de vez um professor que abusava de suas alunas há anos dentro da instituição. Jamais eu imaginaria que a Universidade-Casa de onde escrevo censuraria Os Banheiros no dia de uma palestra sobre o assédio, me pergunto o que eles buscaram esconder?

Esconder a dureza do real na Clausura do Banheiro.

Ou seja, se não fosse a história da Professora Louca, se não fosse a coincidência da fomentação do assunto do assédio naquele dia, não fosse a pessoa com quem fui conversar, talvez indicar que em um texto acontecia um assédio não significasse nada. Não fossem essas experiências, talvez aquilo ali nem se caracterizasse como um assédio ao meu olhar.

Mas apesar desse acontecimento aqui dentro, minha leitura mira sempre no texto literário, pois é nele que nasce toda a reflexão.

Voltemos ao texto literário.

Quero pedir perdão por me repetir na citação, mas acho importante lembrar da cena principal onde a loucura, questão que tenho analisado até aqui, aparece pela primeira vez no texto de Giudice.

Nossa vizinha estava ao lado do elevador, ostentando um vestido negro aberto até a metade da coxa, olhando-me com uma expressão situada entre o deboche e a obscenidade. Os lábios juntos e levemente projetados se ofereciam a um beijo que só eu podia dar. Aproximei-me e beijei-a. O espírito da folia me encorajava me e minha mão direita se intrometeu pela abertura do vestido para acariciar-lhe a perna. Foi aí que ela enlouqueceu. (GIUDICE, 1985, p. 122).

³ O LabFlor é o Laboratório Floripa em Composição Transdisciplinar: cultura arte e política. Este laboratório surgiu como uma iniciativa da Professora Tereza Virginia e se propõe a “enfrentar não somente os desafios teóricos e metodológicos que se colocam à comunidade intelectual com profundas mudanças por que passa a cultura, mas também responder a estas mudanças, incorporando as principais inovações tecnológicas que colocam em cheque os papéis e alcances das culturas orais e escritas dentro e para a produção intelectual contemporânea.” (LABFLOR, [s./d.]). No momento em que eu cheguei ao laboratório, um professor dentro da UFSC era intimado por sua conduta indevida com uma das alunas relacionadas ao núcleo. Essa discussão sobre o assédio começou dentro do núcleo, que passou a descobrir outras alunas em situação similar. A discussão que se inicia com essas alunas é fator direto do acontecimento da palestra sobre o Assédio, promovida pelo laboratório, que eu menciono no corpo deste texto.

Quando te conto minha história na Universidade antes de mostrar esse parágrafo, é exatamente para expor que algumas vezes a leitura que fazemos se dá pela sensibilidade. Foi graças às mulheres com quem conversei, histórias que ouvi, situações que observei ao meu redor que fez com que aos meus olhos o assédio nessa cena fosse evidente.

Entrelaçando a história do dia em que a minha professora enlouqueceu com *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, foi que ficou clara a função daquela Loucura que o personagem-narrador atribuía à Vizinha. Já não era mais uma questão de saúde, um registro de uma doença, mas o apontar de um dedo que retirava uma mulher de sua razão.

No conto de Giudice, quando a vizinha recusa da forma mais lógica possível – gritando – o beijo do personagem-narrador no corredor do prédio, a reação imediata do rapaz, de considera-la louca, por essa ótica, passa a ser uma operação que resulta de sua frustração ao não conseguir conquistar aquela mulher, reagindo de forma quase infantil à recusa do toque, desqualificando assim a mulher, tendo como única razão de sua atitude a Loucura.

Primeiro, essa cena indica uma violência, objetiva e subjetiva. Primeiro o assédio, e depois a desqualificação da mulher. Quando eu penso no livro de contos onde *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, penso no descaso com a violência contra o feminino e sobre esses enlouquecimentos de mulheres em momentos no mínimo discutíveis

Escrito em plena ditadura militar, *Os Banheiros* de Giudice captura esse clima de violência e patriarcalismo da população brasileira e os representa em seus contos. Várias personagens femininas são representadas em *Os Banheiros* e geralmente, envoltas na aura da violência ou da loucura.

Quero te convidar para viajarmos juntos, como uma última passagem antes de encerrarmos a visita, pela história dessas personagens em *Os Banheiros*. A leitura será feita em ordem cronológica e não se propõe a fazer uma análise conto a conto do livro, mas buscar como forma de analogia ao conto que analiso, outras situações de violência contra a mulher dentro desse universo.

No primeiro conto, que carrega o mesmo nome do livro, a personagem da Mãe aparece como aquela que se preocupa com os pormenores da casa, tendo de lidar com o problema da interdição do banheiro, no qual o Avô havia se trancado e do qual não planejava mais sair. No começo do conto, o narrador diz que “[...] no começo os adultos brigaram muito. Papai atirava toda a culpa sobre mamãe, enquanto ela entornava a água quente na bacia comprada às pressas. Hoje eu sei que mamãe não era culpada de coisa alguma. Nem ela nem ninguém” (GIUDICE, 1979, p. 14). Além disso, o narrador conta que a mamãe “desdobrava-se às ocultas para evitar as contrariedades do papai” (p. 14). Mais além, a mãe deve se esconder no banheiro para chorar a morte de sua irmã, que era uma de suas amigas mais próximas, pois o patriarca da família não gostava de choradeiras (p. 15).

Ou seja, logo no primeiro conto do livro, a violência se dá no lar, no ato de silenciar as vontades da Mãe da casa, de não se preocupar com seus sentimentos, deixando que ela seja alguém secundário na narrativa, puramente encarregada das tarefas. Esse sufocamento que a figura do patriarca provoca atinge seu ponto de libertação após a morte do pai em um enfarte, resultando no não comparecimento da mãe ao funeral do marido, “Mamãe tinha outros afazeres” (p. 16). Sim, provavelmente o afazer da mamãe era sentir-se livre depois de anos em um relacionamento opressor. Ao final do conto, a mulher morre após “uma pontada no estômago e uma febre incontrolável (p. 16)”. É nessa primeira representação da mulher, abrindo o livro de contos *Os Banheiros*, que acredito que passe a se demarcar uma aura de silenciamento feminino que continua pelo resto do livro.

No terceiro conto, a violência contra a mulher em *A Lei do Silêncio* atinge seu ápice. Após uma discussão sobre a quantidade de açúcar no chá do marido, uma mulher é assassinada e, como descrito pelo narrador: “Se não fossem os gritos, ele a deixaria sangrar até a morte” (p. 33). Novamente a voz feminina é colocada como um problema, pois os gritos levaram um comissário da delegacia até a porta para investigar o ocorrido. Entretanto, o comissário trata com total naturalidade o corpo morto no chão, restringindo-se a questionar sobre o barulho. Após a confirmação do assassino de que tudo havia cessado, o homem se retira de volta à delegacia, desculpando-se por ter incomodado, justificado que “O senhor compreende. É a lei do silêncio.” (p. 35).

Assim, nessa sensação de indignação com o total descaso, a forte crítica social construída no texto de Giudice ganha força. Como estou mostrando aqui, em *Os Banheiros*, o autor captura essas questões relacionadas à violência contra a mulher, tendo seu ápice nessas duas páginas que compõem o conto *A Lei do Silêncio*.

Dando prosseguimento, o próximo trato relacionado à violência com a mulher é, na verdade, composto por diversos fragmentos. Assim é dividido o conto *Miguel Covarrubra*, que se dedica através de fragmentos a remontar a árvore genealógica desse nome. O recebe do Duque de Gammedal as honras de iniciador da descendência dos Covarrubra (p. 39). O conto segue por esmiuçar “duzentos e tantos anos de vida social” dos Covarrubra (p. 39). E nos fragmentos de histórias de cada personagem que vai compondo esta espécie de árvore genealógica literária, quero me focar em uma personagem específica: Maria Eulália.

Como indica o narrador, a personagem era filha do Conselheiro Covarrubra com Dona Constância, que, por sua vez, era bisneta do Marquês de Agaraval (p. 43). O casal teve dois filhos, “Maria Eulália, que enlouqueceu aos dezenove anos, e Joaquim Hosannah, falecido aos vinte e um.” (p. 43). A sequência do conto, explica a questão do enlouquecimento da jovem personagem que compunha a Sétima Monarquia:

A história da loucura da filha, Maria Eulália, é a uma das mais vulgares entre as intrigas da Sétima. Ainda menina, apaixonou-se por um militar da Corte, oito anos mais velho que ela. Chamava-se Fernando e sua carreira prenunciava um futuro invejável, devido à disciplina com que se comportava no Instituto Municipal de Informações. Num dos bailes populares realizados clandestinamente dias antes do carnaval, o Anspeçada Fernando se enamorou de uma dama de negro, cujo rosto se ocultava por detrás de uma cintilante máscara de lantejoulas prateadas. O jovem foi correspondido em seus sentimentos e o final do baile não coincidiu com o final do romance. A aventura continuou até bater nos ouvidos de Maria Eulália que, dominada pelo ciúme, contou tudo ao pai. Aparentemente o Conselheiro não se comoveu e pediu à moça que tivesse paciência, pois aquilo não passava de novidades da juventude. Todavia, na semana seguinte, quando Fernando mantinha um encontro com sua mascarada numa casa da Província, foi surpreendido por três indivíduos encapuzados. Não houve reação. Os amantes foram liquidados a golpes de sabre. (p. 43, 44).

Entretanto, é necessário entender que não foi apenas o ciúme que enlouqueceu a personagem, no desfecho o narrador explica: “A notícia da morte do namorado não produziu efeitos insalubres sobre a mente da jovem. Sua loucura só se declarou no outro dia, ao saber que a dama do Anspeçada Fernando era seu irmão Joaquim Hosannah.” (p. 44).

Dei-me ao luxo de trazer toda essa citação para mostrar como em alguns momentos, parece que tanto ao contar a história do enlouquecimento de Maria Eulália quanto da Vizinha, existem alguns pontos e até mesmo imagens em comum, mostrando como se relacionam essas experiências com um universo ficcional que compunha *Os Banheiros*.

Primeiro, a imagem da Dama de Negro.

Em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, a “vizinha estava ao lado do elevador, ostentando um vestido negro aberto até a metade da coxa (p. 122)”, enquanto na história de Maria Eulália, seu irmão se apaixonara por uma Dama de Negro.

Nos dois contos, os cenários do Baile compunham a cena. No caso da Vizinha, o Baile dos Letrados para o qual se dirigia o personagem-narrador, em relação ao baile de máscaras onde Fernando conheceu sua amante. O primeiro no domingo de Carnaval, o segundo, um dia antes do Carnaval.

A primeira reação da personagem Maria Eulália ao saber da infidelidade do marido é comunicar ao patriarca da família sobre as atitudes de marido, questão a qual seu pai, o Conselheiro Covarrubra não dá atenção, pois de acordo com ele “aqui não passava de novidades da juventude” (p. 44). Me pergunto se não seriam essas “novidades de juventude” um termo com relação direta ao “espírito da folia” que o personagem-narrador se referia como forma de escusar sua atitude de assediador. Em ambos os contos, a mulher que enlouquece é aquela que é desqualificada em sua resistência a um abuso, no primeiro caso, o personagem-narrador que invadia o vestido, no segundo, a resistência à infidelidade do marido.

Em *O Banquete*, um miniconto, de apenas um parágrafo, encontramos outra cena que se repete: a mulher que celebra o falecimento do marido. “Foram três mil noites para três mil dores, mas assim que o enterro saiu, ela trancou a porta, assou o robalo e devorou-o entre as liberdades do vinho branco, pois era a melhor maneira de festejar a morte do marido e cicatrizar as feridas.” (p. 95). Assim é o conto inteiro, relacionando a ideia de relacionamento com algo que gerava cicatrizes e cujo o fim era motivo de celebração da liberdade da mulher. Nesse conto podemos ver a relação com o primeiro do livro, *Os Banheiros* onde a mãe não comparecia ao funeral de seu marido por ter outros afazeres a cuidar.

O último caso que quero expor aqui de dentro do universo de *Os Banheiros* é o conto *Mahablan*. Neste conto a relação se dá entre três personagens, o narrador, Mahablan e sua avó. O texto começa com a descrição de uma cena sexual entre o personagem-narrador e Mahablan. De acordo com o que é descrito na cena o personagem viaja em sua memória, contando mais sobre a história dos dois, abrindo mais uma vez a relação entre violência e loucura.

Em dado ponto do relato, enquanto manuseava uma luneta de brinquedo da avó de Mahablan usava para examinar suas bonecas, o personagem-narrador conta sobre a senhora:

A avozinha enlouquecera de uma paixão não correspondida, depois de um casamento providencial com um homem que não amara, mas que lhe deixara o suficiente para bisbilhotar os quatro cantos do mundo com a mesma facilidade com que bisbilhotamos as quatro ruas do nosso quarteirão. (p. 100).

Durante o relato, o personagem-narrador percebe que certo dia as lâmpadas do quarto em que faziam sexo haviam sido trocadas por lâmpadas mais fortes, onde o personagem conta que viu no rosto de Mahablan “um milímetro de repulsa em seu lábio inferior.” (p. 101). Dali, a cena passa a se desenvolver e pela primeira vez no texto um personagem masculino se identifica com a loucura. O personagem-narrador diz: “Minha loucura não nasceu da imoralidade da sua proposta, nem da frágil mortalidade de seus desejos, mas do conjunto de palavras que empregou para me descrever o que você apelidou de grande verdade.” (p. 102).

Nesse momento, as mãos do personagem-narrador “se misturaram às dobras” do pescoço de Mahablan, e a mulher repete para ele que nunca o desejou, morrendo estrangulada em seguida. Aqui, mais uma cena da violência, e pela primeira vez a questão da loucura relacionada ao homem, de certa forma, para justificar o ato de violência.

Quando o personagem-narrador relata da oferta que Mahablan havia feito para que ele desaparecesse para sempre ele diz: “Para sempre não é um tempo tão curto quanto o tempo da loucura” (p. 101). A relação entre tempo e loucura é comum na obra de Giudice, que traz as

brincadeiras como o uso de hipérboles ao lidar com o tempo, sempre colocando o texto suspenso da ordem cronológica que estrutura o real, colocando-o em contato direto com o terreno da desrazão.

Porém, de acordo com o narrador, o cerne da questão estava na loucura da avó. Desde o princípio, ele acreditava que a mulher não havia lhe contado por que as lâmpadas do candelabro sempre eram trocadas, ele conta que era para “ajudar a visão estiolada da querida avó, enquanto ela praticava imundícies com as bonecas, *la petit voyeuse*, com o olho grudado à fechadura do salão vermelho” (p. 103). Novamente, parece que o Olhar feminino, justifica uma ação de violência, em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, a questão do assédio, em *Mahablan*, o assassinato.

Era a Avó olhando pela porta o problema, e a falta de desejo de Mahablan foi a justificativa final para o assassinato, tecendo assim no relato do personagem-narrador a história de uma Avó que forçava sua neta a estar com ele devido a uma antiga paixão não resolvida com um rapaz parecido com ele (p. 103).

Enfim, trouxe essas cenas de *Os Banheiros* para mostrar como se relacionam constantemente o enlouquecimento de mulheres com momentos de resistência aos abusos do patriarcado. A questão foi muito bem representada nesse livro de contos do Giudice e as questões debatidas ali permanecem muito atuais.

Inclusive é apenas no olhar contemporâneo que temos a oportunidade de observar uma cena como a de *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* e identificar ali, nas mulheres representadas, resistência a um assédio. Ao longo do texto, o personagem demonstra arrependimento de suas atitudes e chega até mesmo a reconhecer suas atitudes para com a vizinha como “agressões”.

“Um profundo arrependimento das ações impensadas que eu cometeria durante nossa aventura, as agressões à vizinha e ao funcionário do hospital, um simples cumpridor de ordens, levou-me a uma sensação de nulidade e chorei.” (p. 126). O personagem-narrador reflete sobre suas atitudes como agressivas, mesmo sem a ideia do assédio como um elemento tão discutido na sociedade.

Inclusive, é sobre isso que fala a palestra que começa daqui a pouco, sobre a questão do assédio. O assunto tem ganhado força nos últimos anos, principalmente dadas as novas possibilidades de compartilhamento de informações das redes sociais.

No Brasil, a legislação em relação ao assédio divide as categorias em assédio moral e assédio sexual. Aqui neste trabalho, no caso da Vizinha, falamos do assédio sexual. Esse tipo de assédio é passível de punição como descrito no Artigo 216 do Código Penal: “Constranger alguém com intuito de levar vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente de sua forma de superior hierárquico, ou ascendência inerentes a exercício de emprego, cargo ou função: Pena: detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos.” (JUSBRASIL, [s./d.]).

Se pensarmos os atos desses homens de *Os Banheiros* como formas de demarcar uma superioridade hierárquica ou de poder sobre as mulheres, veremos que o assédio pode permear outras camadas desse livro de contos, compondo um terreno que pode levar essa leitura ainda mais longe em futuras oportunidades.

Entretanto, volto enriquecido por todos esses exemplos para lembrar ainda outra questão que quero apontar em *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*. Existe uma operação, nesse conto e nos outros que mostrei, que parece nomear automaticamente como Loucura essas experiências insensatas das mulheres em oposição a atitudes insensatas masculinas que não são identificadas como loucura, sendo assim passíveis do campo da Desrazão.

Peter Pal Pelbart, no texto que venho citando, *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão* (1989), mostra como está em mudança a relação com aquilo que se exclui nas sociedades e como a loucura como fato social é uma forma de aprisionar a Desrazão. Ao comentar sobre as categorias Loucura e Desrazão na obra de Michel Foucault, o autor fala que, na leitura de *A história da loucura na idade clássica*, no começo do texto, o que é descrito “como experiência trágica e cósmica, que por um saber esotérico mas positivo revela, no delírio do louco, a verdade do mundo –, coincide com aquilo que Foucault chama de “desrazão” ao longo de seu estudo” (PELBART, 1989: 58).

Contraposta a essa visão, está uma visão crítica da loucura, que fala da baixeza moral do homem, falando assim uma verdade do homem, em contraponto à verdade do mundo que falava a loucura-desrazão. Foi no Grande Enclausuramento citado por Michel Foucault que a desrazão passa a perder seu espaço, como descreve Pelbart.

Com o Grande Enclausuramento do século XVII, com efeito, a desrazão, dessacralizada e silenciada, perderá seu caráter escatológico e uma nova percepção poderá ordenar a loucura em função dos imperativos econômicos, éticos e jurídicos emergentes. Aí não haverá mais lugar para a desrazão, apenas para a loucura. A presença de uma transcendência imaginária cede lugar a uma condenação ética. A loucura começa a avizinhar-se do pecado, das formas excluídas da sexualidade e das transgressões religiosas, da sujeição ao domínio das paixões e à coação do coração. A loucura-desrazão, que ostentava as marcas do inumano, cede o passo a uma loucura-desregada, mais distante da Natureza mas mais próxima do homem e de sua natureza. Encaminha-se assim, lentamente, para o que será no século XIX: a verdade do homem visto sob o ângulo de seus afetos e seus desejos. (PELBART, 1989: 59).

Sendo assim, esse submundo dos atos desarrazoados, é mais amplo que o da loucura, como já vimos nesse estudo. Esse caráter do desatino, não necessariamente associado à loucura ou à doença mental é que Pelbart mostra ter perdido sua função, encontrando ali a nova face da loucura. Enquanto, diz Pelbart, a desrazão era *afetiva, imaginária e atemporal*, a loucura será *temporal, histórica e social* (p. 60).

Se aplicarmos esses conceitos apresentados por Pelbart que desenvolvi aqui neste trabalho ao universo de *Os Banheiros*, e mais especificamente ao universo do conto *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, podemos perceber que os personagens masculinos, apesar de atitudes que vão contra a razão, ou seja, atos desarrazoados, apesar de seus desatinos, não estão sendo enunciados como loucos, mostrando que hoje essa desrazão não enlouquecida não é para todos.

A única enunciação da loucura relacionada a figura masculina que vemos é em *Mahablan*, e ainda assim, vindo como uma justificativa para o assassinato da mulher. Entretanto, os atos desarrazoados estão lá também por parte dos homens, como vemos na atitude do personagem-narrador-assediador, que em momento algum se declara louco, entretanto, não pensa duas vezes em indicar que a Vizinha enlouqueceu.

Essa atitude também tem a ver com uma forma de desqualificação. Em *Microfísica do poder*, Michel Foucault ao comentar sobre a ambição de poder do discurso científico pergunta: “Que sujeito falante, que sujeito de experiência ou de saber vocês querem “memorizar” quando dizem: “Eu que formulo este discurso enuncio um discurso científico e sou cientista?” (FOUCAULT, 2000b: 172). Ou seja, que discurso é esse que atribui automaticamente as atitudes desarrazoadas femininas ao campo da loucura e não se preocupa em classificar as atitudes desarrazoadas masculinas? Por que todo desatino da mulher é loucura e o desatino do homem é só mais um deslize?

Podemos verificar a contemporaneidade deste pensamento que trago aqui colocando em contraponto uma outra obra brasileira que lida com a loucura e em um outro momento “*O Alienista*” (ASSIS, 1994), publicado pela primeira vez em 1882.

No conto de Machado de Assis, Simão Bacamarte, um médico renomado, casado com a D. Evarista, decide construir um manicômio chamado Casa Verde, onde seriam abrigados todos os loucos da região. Bacamarte se torna cada vez mais obcecado com sua pesquisa e cada vez mais pessoas entram no padrão e o medo da internação passa a assolar a cidade.

Não focarei no desenvolvimento da história, pois trata-se de um conto bastante lido, mas o importante é ressaltar que, ao final, em sua busca pela cura que havia gerado revoluções entre os cidadãos, em dado ponto, quase todos já haviam sido internados, até que o médico por fim decide internar a si mesmo.

Essa reflexão diz muito mais sobre o aspecto do enclausuramento dos loucos, mas é importante denotar que nesse momento da literatura brasileira, estava refletido apenas a ideia de loucura como doença que precisa de cura e que é passível de qualquer humano. Todos em dado momento podiam ser considerados loucos, independentemente do sexo biológico. A palavra loucura era usada para designar qualquer um que estivesse padecendo da lista de características que o Doutor Bacamarte indicasse naquele momento através de suas pesquisas.

Com o contraponto de *O Alienista*, tento mostrar o quanto é contemporâneo esse universo de exclusão e silenciamento, onde automaticamente uma razão deve intervir dizendo: *você é louca*, ou seja, delimitando até onde pode-se agir sendo mulher.

Já no recorte contemporâneo vemos, por exemplo, no texto de DaMatta, “o feminino assume um aspecto relacional básico na estrutura ideológica brasileira como ente mediador por excelência (1997a, p. 117)”. Não seria esse papel que ele indica um reflexo da negação do protagonismo feminino? Mas ao que essa ideia cabe aqui na verdade é para pensar, seguindo esse caráter do feminino como um elo, que na verdade essa loucura toda da vizinha, seja exatamente o ponto de encontro, o ponto relacional, entre os dois irmãos.

O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu seria assim uma maquinaria que coloca esse esquema em funcionamento direto. O carnaval, as fantasias, o espírito da folia, o contraponto com a seriedade do irmão, todos esses elementos indicativos de desrazão povoam o texto, nos puxam para fora de um sentido uno, de uma ideia de razão. E a figura da mulher aparece como única relação possível entre os irmãos que resultaria na internação do mais novo.

Nesse movimento de leitura, o que resultaria é o apagamento da subjetividade de mulher, que concordaríamos ser apenas uma louca que se coloca entre os irmãos. Não seria aí também uma forma de desqualificar? *Dessubjetivar*?

Relembro uma cena mais ao final do conto, enquanto os irmãos e a vizinha aguardavam pelo atendimento na delegacia de polícia, onde o personagem narrador descreve que “Durante a espera vimos entrar quatro assaltantes, cinco vítimas de assaltos, uma jovem em prantos que teve o pai assassinado, um travesti sem sentidos, outro embriagado e duas prostitutas ensanguentadas.” (p. 124). Aí, o texto traz consigo essas figuras dos “desarrazoados” para multiplicar os sentidos possíveis da desrazão no texto e reforça que a única passível da enunciação da palavra loucura naquele universo é a mulher.

Talvez, possamos ver o mundo machista nascer na batalha de sexos que Salecl e Žizek indicam em seu texto:

A good hundred years ago, the sudden emergence of the figure of the hysterical woman (in the works of Richard Wagner, August Strindberg, Otto Weininger, Franz Kafka, Edvard Munch, and others) announced a crisis of sexual relationship in whose shadow we continue to live. From the charmingly naive assertion of harmony in the couple in Mozart's *Magic Flute*, the pendulum swung to the other extreme, bearing witness to a radically antagonistic relationship between the sexes: man and woman are in no way complementary, there is no preestablished harmony here, each of the two sexes poses a threat to the other's identity...(SALECL & ŽIZEK, 1996: 2).⁴

⁴ Para o trecho do livro de Salecl e Žizek proponho a seguinte tradução: Há mais ou menos cem anos, a emergência súbita da figura da mulher histérica (nos trabalhos de Richard Wagner, August Strindberg, Otto Weininger, Franz Kafka, Edvard Munch, e outros) anunciou uma crise das relações sob a sombra da qual ainda

Para estes autores, a figura da mulher histérica anunciaria uma crise de relacionamento entre os sexos. Para mais além, podemos imaginar como essa crise entre masculino e feminino gerou percepções diferentes também para a loucura e desrazão entre os dois sexos.

No final desse movimento, e de todas essas ocorrências de desatinos representados em personagens femininos na cultura contemporânea imediatamente enunciados como loucura, em contraposição com a emergência de um mundo machista desde o surgimento da figura da histérica e de um mundo não povoado por essas ideias como em *O Alienista* (ASSIS, 1994) podemos verificar como é contemporânea esta forma de utilização do enunciado loucura.

Enfim, acredito que todo este trajeto que percorri nesta conversa sobre *Os Banheiros* até aqui tenha sido suficiente para atingir os três pontos que queria:

- Primeiro, levar a Loucura para uma discussão que a coloque fora de Clausuras, podendo ver como o sentido dela varia com o tempo e espaço.
- Em segundo lugar, queria mostrar que a relação entre violência e loucura presentes em *Os Banheiros* estão sendo relacionadas à figura da mulher, mostrando assim como sobrevive em nível discursivo a loucura como a demarcação de um espaço de exclusão como pensado por Foucault, uma loucura utilizada discursivamente como forma de desqualificação. Para explicar esse pensamento, trouxe alguns exemplos da cultura contemporânea, como a cena da série *How I Met Your Mother*.
- Por fim, mostrar como existe um espaço de Desrazão, que é esse desatino não caracterizado como loucura, ao qual parece ser de acesso exclusivo aos homens, em contraponto com toda a insensatez feminina sendo dita como Loucura.

A palestra que vai acontecer daqui a pouco aqui em casa, ou melhor (agora você já sabe que não é mais casa) aqui na UFSC, vem para confirmar tudo isso. As meninas já haviam comentado comigo sobre histórias de rapazes que taxaram como loucura suas atitudes por mais que elas fossem razoáveis.

Esta utilização da loucura como desqualificação apareceu para mim pela primeira vez na figura da Tereza Virginia, com sua história que sobrevivia pelos corredores como forma de demonizá-

vivemos. Da charmosa e assertiva figuração do casal em *A Flauta mágica* de Mozart, o pêndulo agora vira em direção ao outro extremo, uma testemunha de uma relação radicalmente antagonista entre os sexos: homens e mulheres não se complementam, não há uma harmonia pré-estabelecida, cada um apresenta uma ameaça à identidade do outro.

la. Por isso já no começo do texto eu disse que, era um contato entre minha própria vida e a literatura que me permitia ler o arquivo que é o conto de Giudice.

Eu posso dizer que a palestra da professora Grazielly sobre o Assédio é o meu último momento de reflexão desses 9 anos de curso que fiz, porque aqui, nesta palestra que vai ocorrer, verei se desvelar o debate que me apontou o meu caminho, vejo as mulheres escancararem para o mundo a questão do assédio, mostra-lo em todas as suas formas e verem como inevitavelmente a insensatez só é loucura aos olhos dos machistas e moralistas que não conseguem conceber um mundo além da clausura de suas razões.

No mais, não posso me queixar do tratamento que tenho recebido aqui na Universidade Federal de Santa Catarina. Como você pode ver na visita, os espaços e a instituição podem apresentar problemas, entretanto, são ambiente extremamente fértil para reflexão.

O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu veio em perfeita conjunção com o momento de finalização do meu curso, onde pude expor a leitura de um mundo muito contemporâneo, mesmo lendo um arquivo.

Conclusão

ou:

A não-sala

ou, ainda:

Fora da Casinha

Na vida, cada objetivo tem um caminho particular...

Como encerrar o trabalho de conclusão de um curso de nove anos?

Primeiro, nos localizemos: estamos encerrando esta conversa do lado de fora da casa. Ela não existe mais, já passou, virou papel enfileirado na frente desta página.

Construí e destruí uma alegoria, uma casa, para analisar o conto de Victor Giudice *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu*, com o qual pude armar um campo teórico para debater a loucura e a desrazão. Além disso, nesse terreno pude colocar em jogo cenas da cultura contemporânea em suas formas de representar o desarrazado que, quando ligado à representação de personagens femininas, se vê sempre enclausurado no enunciado da loucura.

Se Michel Foucault postulava que a loucura é ausência de obra, ele não quer dizer com isso que a loucura e a desrazão nada produzem. Como atentou o filósofo Pelbart, “tal como a desrazão usa a loucura para expressar-se, a ausência de obra usa a obra, às vezes até sua possibilidade extrema (isto é, arruinando-a), para manifestar-se” (PELBART, 1989: 177). Sendo assim, o desobramento também é uma obra, afetada pelas forças da desrazão. Foucault pensa isso falando nas pinturas de Goya, que mostrava no século XVIII imagens da violência, em Sade, que escrevia do encarceramento dado o teor obsceno de sua literatura. Ou seja, a obra da Desrazão é a destruição da obra. “Se quisermos ver aí um “trabalho” da desrazão, no sentido de uma demolição, nada mais justo.” (PELBART, 1989: 177).

Nada mais adequado do que fechar um curso desarrazado com um trabalho como este, celebrando a contramão na qual andei. Junto deste curso que concluo aqui, celebro o curso que *Não* fiz. Para construir minha obra, tive de me desobrar, ao lado da minha obra eu destruí outra. Ergui a casa, depois derrubei. Do lado do curso que fiz, um curso que não fiz. 28 reprovações. 28 disciplinas que não fiz. Fiz mas não terminei, deixei para trás as ruínas. Todas elas culminaram neste texto que mais do que uma construção teórica e de leitura, também foi uma construção de jogos do Acaso.

O personagem-narrador do conto de Giudice que analisei escrevia depois de 28 anos internado. Eu desisti de 28 matérias. Concluo este curso agora, no ano de 2018, em que completo 28 anos. Além disso, aproveito o espaço para uma confissão. Aos 18 anos, quando escolhi fazer Letras,

parte de mim queria se tornar um escritor. Daquela época, guardo apenas um conto que escrevi, acreditem os que quiserem, o nome do conto era 28, e falava sobre um protagonista de 28 anos. O personagem em si nada tem nada a ver comigo, só o número, mas o que é a vida sem os floreios?

Apenas este semestre, quase um ano após escrever a introdução deste trabalho, é que percebi que o Peter Pál Pelbart, filósofo cujas ideias tentei expor com carinho aqui, fez seu estágio no Hospital-Dia “A Casa”. Por alguma coincidência, simplesmente li o livro sem nunca virar na última página, onde constava a biografia do autor. Enquanto ele construiu seu livro trabalhando em um hospital chamado “A Casa”, eu construía uma Casa para poder me colocar no texto. Além disso, quando comecei a escrever este texto eu me sentia inseguro, não sabia se teria força para concluí-lo. A força veio do Fora. Esse terreno de pensamento do desarrazoado me puxou com uma força incrível e me colocou diretamente no meu caminho.

Tudo isso me gerou um prazer muito grande de escrever, transformando em obra toda a minha desobra do passado. Transformando em texto todos esses anos que passaram.

Termino este caminho na esperança de ter feito aquilo que apaixonou no estudo de Literatura: abrir um texto para um jogo de ideias que circulam, entram e saem do texto, criando vida própria. Transformei um texto em um campo de forças que atuam para lhe multiplicar os significados.

Além disso, acredito que a forma livre com que pude escrever este texto foi o fator decisivo para garantir fidelidade ao que me foi pedido: demonstrar como o leitor contemporâneo lê o arquivo.

Colocando a cena que desenlaça *O Dia em que a nossa Vizinha Enlouqueceu* sob a visão do assédio, acredito que pude registrar uma certa percepção sobre essa questão e como ela se alterou. Em 1979, quando foi lançado *Os Banheiros*, o assédio não era uma questão discutida aqui no Brasil e não havia nenhuma legislação disponível sobre o assunto.

Quando lanço mão de toda uma estrutura teórica para analisar o conto e mostro como aquela cena se tratava de um assédio, sinto que faço um movimento de cruzamento da experiência do mundo em que vivo com o mundo que posso ler no texto literário.

O maior problema que tive para concluir a maior parte dessas 28 disciplinas que não concluí, foi porque me faltava a instrução para proceder um gênero textual básico como o ensaio, exigência comum para conclusão de quase todas essas disciplinas, porém, que eu nunca havia estudado teoricamente. O medo me impedia de continuar e minha ligação extremamente sensível com tudo aquilo que eu escrevia me paralisou.

Poder brincar com a estrutura deste texto, construir alegorias, destruí-las, comentar meu percurso acadêmico, apontar falhas da instituição, ler com profundidade textos e conceitos filosóficos, tudo isso que antes eu imaginava como duras obrigações da vida acadêmica, se tornaram o motivo pelo qual eu me acordava de manhã para estudar. A liberdade para escrever abriu os meus caminhos.

Com certeza, este texto mostra como pude amadurecer minha escrita dentro dessa liberdade desregrada, encerrando com chave de ouro este longo curso que percorri.

Agora, é hora de nos despedirmos.

Agradeço sua presença e vou embora apressado, pois já atingi os 28 mil caracteres.

Referências:

- ALMEIDA, Tereza Virginia de. **Victor Giudice e o Ritmo Irresistível**. Organon, Porto Alegre, v. 31, n. 61, p. 49-63, jul/dez. 2016.
- _____. **Teoria da Literatura II**. Florianópolis. LLV/CCE/UFSC, 2008.
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- COELHO, Nelly Novaes. **Necrológio: um realismo ao avesso**. In: _____. **Escritores brasileiros do século XX**. São Paulo: Letra Selvagem, 2013.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.
- DUCAMPECHE. **Corpo de mulher é encontrado dentro de saco de lixo no Matadeiro**. Ducampeche – Portal de Notícias da região. Florianópolis. 2017. Disponível em: <<https://ducampeche.com.br/materia/corpo-de-mulher-e-encontrado-dentro-de-saco-de-lixo-no-matadeiro>>. Acesso em: 08/11/2017.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo, Perspectiva. 2000a.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 2000b.
- GIUDICE, Victor. **Os Banheiros** (contos). Rio de Janeiro. Editora Codecri, 1979.
- JUSBRASIL. **Art. 216 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40**. [s./d.]. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10611615/artigo-216-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 31/05/2018.
- LABFLOR. **LabFlor**. [s./d.]. Disponível em: <<http://www.labflor.ufsc.br/labflor/>>. Acesso em: 31/05/2018.
- PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: Brasiliense. 1989.
- SALECL & ZIZEK. Renata, Slavoj. **Gaze and Voice as love objects**. London. Duke University Press. 1996.
- SANTIAGO, Silviano. **Retórica da Verossimilhança**. In: Uma literatura nos trópicos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- UOL NOTÍCIAS. **PEC do Teto é aprovada em votação final e congela gastos por 20 anos**. Uol Notícias. 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/12/13/pec-que-congela-gastos-do-governo-por-20-anos-e-aprovada-em-votacao-final.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- VICTOR GIUDICE. **A Vida**. Site oficial do Victor Giudice. [s./d.]. Disponível em: <<http://victorgiudice.com/vida.html>>. Acesso em: 5 abr. 2018.